



FENAJUFE

**FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS
DO JUDICIÁRIO FEDERAL E MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO**
Fundada em 08/12/92

12º CONGREJUFE

Sumário

Tema Conjuntura Internacional Trump, a nova velha cara feia do imperialismo estadunidense.....	2
Tema Conjuntura Nacional Lutar contra os ataques do governo Lula, o imperialismo e esse sistema dos bilionários	15
O Mundo rumo ao caos e a ofensiva sobre os direitos dos trabalhadores para financiar a guerra.....	23
MUNDO EM TRANSE. DEFENDER A SOBERANIA NACIONAL E A DEMOCRACIA COM DIREITOS SOCIAIS E SERVIÇOS PÚBLICOS CONTRA O NEOFASCISMO E O IMPERIALISMO	29
A derrota de Bolsonaro e do movimento golpista de 8 de janeiro não foram suficientes para derrotar a extrema-direita como força social e política no Brasil.....	33
Conjuntura Internacional: Coletivo Lutafenajufe	43
Conjuntura Nacional: Coletivo Lutafenajufe	51

📍 SCS Quadra 02 Bloco C / Edifício Serra Dourada / 3º Andar / salas 312 à 318 / CEP: 70300-902 ☎ (61) 3323-7061

📷 X 📱 @fenajufe 🌐 @fenajufe.nacional 📺 YouTube /fenajufe ✉ fenajufe@fenajufe.org.br 🏠 www.fenajufe.org.br





12º CONGREJUFE

8 - Conjuntura Internacional e Nacional

Tema Conjuntura Internacional Trump, a nova velha cara feia do imperialismo estadunidense

Tema Conjuntura Internacional

Trump, a nova velha cara feia do imperialismo estadunidense

A retórica agressiva e reacionária do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, gera debates sobre sua veracidade e impacto. Muitos se perguntam o quanto tem de bravata e se há força para ele fazer o que diz. Um setor acredita que o fascismo já teria se instalado, enquanto embelezam o governo Biden. Esquecem-se que, sob a fachada de progressista, ele foi um governo capitalista e sionista que fez jus a todo imperialismo estadunidense com suas agressões, espoliações e violência contra os povos. Outros veem Trump como mais do mesmo, naturalizando um projeto de governo profundamente autoritário e imperialista.

Trump expressa a decadência do sistema capitalista, do imperialismo e dos EUA. Inclusive o próprio slogan MAGA (Make America Great Again, ou faça a América grande novamente, em tradução livre) é expressão do processo de decadência dos EUA. Não há como comentar todas as extensas medidas econômicas de Trump, mas o fio condutor da sua política é tentar reverter a visível decadência da economia dos EUA, que nunca teve sua hegemonia tão desafiada desde o pós-guerra. A receita para tentar reverter essa dinâmica é o ataque aos trabalhadores e aos demais países, submetendo todos aos interesses dos monopólios capitalistas estadunidenses.

O governo de extrema direita e dos bilionários contra os trabalhadores

O projeto de Trump visa aprofundar a exploração e a opressão capitalistas por diversos meios. É o governo extremado dos bilionários capitalistas. Une os setores



12º CONGREJUFE

mais atrasados da burguesia, como as petrolíferas, com os mais modernos das big techs, com a benção da bolsa de valores e do mercado financeiro.

O novo governo Trump tem um lastro maior na burguesia em comparação ao seu primeiro mandato. Não à toa estiveram presentes na posse todos os CEOs das big techs. A conversão ao trumpismo de figuras como Mark Zuckerberg e Elon Musk, antes aliados dos Democratas, mostra a hipocrisia de uma burguesia que se adapta a qualquer governo reacionário conforme a necessidade dos seus lucros.

Contudo, segue a tônica de uma profunda divisão entre a burguesia dos EUA. Com tensionamentos também internos entre os trumpistas, como vimos na rusga entre Elon Musk e Sam Altman sobre inteligência artificial (IA) ou nos xingamentos de Bannon contra Musk. Embora essas disputas possam gerar crises na ultradireita, o que une todos estes setores é a disposição de atacar os direitos dos trabalhadores e de países mais pobres em nome dos lucros das grandes corporações, formatando o mundo segundo os interesses dos monopólios capitalistas dos EUA.

Trump liberta golpistas e tensiona o regime

Trump reúne atrás de si as forças mais retrógradas, como supremacistas brancos, tradicionalistas, anarcocapitalistas, neoconservadores, fundamentalistas religiosos e neoliberais radicais. Seu primeiro ato após assumir foi perdoar mais de 1.500 militantes golpistas de extrema direita envolvidos no ataque ao Capitólio em 2021.

As nomeações do governo, seus discursos e medidas, apontam que ele vai mexer no que chamam de “Estado profundo” como uma forma de tensionar o regime e adaptar as instituições de Estado sem contrapesos ao projeto da ultradireita. Além disso, tem como objetivo derrotar a luta dos setores oprimidos que vem crescendo nos últimos anos.

Ataques contra LGBTs, mulheres e negros

Trump acabou com os programas de diversidade e inclusão. Anunciou que apenas dois gêneros devem ser reconhecidos legalmente, limitou as cirurgias de



12º CONGREJUFE

redesignação e tenta dismantelar direitos reprodutivos. Em relação a negros e latinos, a política é aumentar a violência policial, o encarceramento em massa e a deportação.

Ultraliberalismo expansionista e protecionismo nacionalista

O novo governo defende ultraliberalismo com protecionismo. Defende a abertura do mercado global para os EUA, mas impõe barreiras comerciais contra outros países, com tarifas e medidas protecionistas. Defende cortes drásticos nos gastos públicos. Enquanto isso, Musk, responsável pelo departamento de cortes de despesas públicas (DOGE), recebe bilhões em contratos públicos da Nasa com a SpaceX. Enquanto bilionários ganham o pote de ouro, o governo elimina as poucas proteções sociais existentes nos EUA, como programas de saúde, endurecendo a vida dos trabalhadores.

Trump promove a desregulamentação completa das atividades dos monopólios capitalistas como a IA. Libertou Ross Ulbricht, criador de um mercado de drogas e crimes online, e segue promovendo as criptomoedas. Retirou os EUA do acordo de Paris; o que já era insuficiente para conter as emissões de carbono e as alterações climáticas, agora tem tudo para se transformar em tragédia com o governo liberando geral a exploração do petróleo no ártico. Seu negacionismo climático impulsionará a degradação do planeta em nome do lucro das grandes corporações petrolíferas.

Trump combina nacionalismo com um imperialismo mais expansionista. Em nome de tornar os EUA “grandes novamente”, defende expansão territorial, conquista e pilhagem de países. Busca atacar outras nações para garantir a dominação dos EUA, ao mesmo tempo em que exige que as principais empresas e indústrias se concentrem dentro de seu país.

A disputa imperialista entre EUA e China

A ascensão da China como potência capitalista imperialista oferece um desafio direto aos EUA, embora este mantenha sua supremacia mundial. A crescente competição



12º CONGREJUFE

chinesa impõe desafios para o patamar de lucros dos monopólios dos EUA. Vimos isso no caso da queda das bolsas estadunidenses devido ao avanço de uma IA chinesa ou nos efeitos da inundação dos carros elétricos chineses no mundo. Há preocupações ainda com o papel crescente da China na exploração da América Latina.

Isso explica a sanha de Trump em comprar a Groenlândia e tomar o canal do Panamá. No marco da disputa econômica, quer impedir a presença chinesa no canal e evitar que as terras raras da Groenlândia possam cair em mãos chinesas. Fato é que Trump intensificará a guerra comercial e tecnológica contra a China, embora ainda não esteja definido em qual ritmo.

Na política externa de Trump, tem sobrado até para aliados de longa data. Ele propôs anexar o Canadá, provocou a Europa com ameaça de cortar financiamento à Otan e faz frequentes acenos a Putin.

Seu apoio é aos governos de extrema direita, como Milei na Argentina, Bukele em El Salvador e Orban na Hungria. Isso ilustra sua postura autoritária global. Ele ainda apoia as políticas genocidas de Netanyahu em Israel e chegou a sugerir que a Jordânia e o Egito levassem os palestinos de Gaza.

Não se deve descartar que, junto com as big techs, intervenha politicamente em apoio ao seu campo ideológico, como a família Bolsonaro, que esteve em sua posse. Musk está em campanha aberta em favor dos fascistas da AfD na Alemanha.

Expansionismo imperialista contra países pobres

É contra os países mais pobres que as armas de Trump estão mais afiadas, e não se descarta o uso de força. Basta ver as ameaças sobre o Canal do Panamá, a mudança do nome do golfo do México, já adotado pelo Google no mundo todo, ou as ameaças de impor tarifas comerciais contra a Colômbia para forçá-la a aceitar voos com deportados em situação degradante.



12º CONGREJUFE

Trump tenta inverter a realidade ao dizer que é o Brasil quem prejudica os EUA com tarifas. Na verdade, são os EUA que sugam as riquezas do Brasil e da América Latina por muitos meios, inclusive usando mão de obra barata para os lucros das suas multinacionais. Há muito exploram e sugam as veias abertas da América Latina em prol dos seus monopólios. Promoveram e sustentaram golpes militares enquanto conseguiram e lhes foram úteis. Enriqueceram as multinacionais e as burguesias latinas criando péssimas condições de vida para os trabalhadores do subcontinente.

Agora Trump tenta reforçar a dependência econômica dos países latino-americanos e demais países pobres atacando suas economias e promovendo a exploração ainda maior das economias periféricas para beneficiar as corporações dos EUA.

Opressão aos imigrantes e à América Latina

Imigrantes são deportados em avião militar

Trump ampliou a perseguição brutal contra imigrantes latino-americanos. Está prendendo e deportando milhares de pessoas. As condições degradantes e os maus-tratos com que deportou 88 brasileiros são escandalosos. As cenas se repetiram nos demais países da América Latina. Fechou e decretou emergência na fronteira sul com o México. Decretou o fim do direito histórico à nacionalidade dos nascidos nos EUA, uma medida tão absurda que foi derrubada pelo Judiciário.

Para explorar os países da América latina, os EUA defenderam durante décadas a livre circulação de capitais, mercadorias e lucros. Agora que os trabalhadores vão em busca de melhores condições de vida nos EUA, impedem a tão falada livre circulação.

Os imigrantes cumprem um papel fundamental ocupando os piores postos de trabalho, os mais mal remunerados, garantindo o enriquecimento da burguesia ianque. A política de Trump é para impor um patamar ainda maior de exploração aos imigrantes já que, com medo, a burguesia pode explorá-los ainda mais. A disjuntiva de Trump para os imigrantes é escravidão ou expulsão. Não resta dúvida de que



12º CONGREJUFE

ilegais, bandidos e parasitas são os monopólios capitalistas controlados por bilionários que destruíram nossos países.

América Latina tem que romper com o imperialismo

A resposta dos governos dos países da América Latina contra as atrocidades de Trump é uma vergonha. Mostra a incapacidade dos governos ditos progressistas da região em enfrentar de fato o imperialismo dos EUA, da Europa e da China.

Gustavo Petro, presidente da Colômbia, até ensaiou uma reação, mas logo retrocedeu. Lula nem sequer saiu das palavras e tenta usar sua habilidade em fazer aliança com os ricos e poderosos para buscar acordos com Trump. No geral, todos os governos não fazem nada para atacar os interesses imperialistas dos EUA (ou da Europa e da China, que também nos exploram) na região.

Também é ridículo o papel da ultradireita brasileira que elogia Trump; é capacho dos EUA, veste boné e parece mais estadunidense do que brasileira, sem levar em conta que as medidas de Trump atacam os brasileiros.

Trump disse que os EUA não precisam do Brasil. Precisamos resistir, lutar e provar que nós também não precisamos deles. Por isso, o Brasil e os demais países da América Latina devem unir seus povos para ter força e romper relação com os EUA. Como contrapartida pelas décadas de exploração e saque, os monopólios capitalistas que sugam nossas riquezas devem ser expropriados e colocados a favor dos trabalhadores. Isso exige das organizações da classe trabalhadora latino-americanas o enfrentamento contra as burguesias latinas nacionais que se alimentam da subserviência aos seus amos imperialistas. Isso demonstra a necessidade de a luta anti-imperialista ser parte da luta contra o capitalismo.

A responsabilidade de Biden na volta de Trump

Democratas e Republicanos duas faces da mesma moeda



12º CONGREJUFE

Muita gente de esquerda defendeu voto no Biden para derrotar a ultradireita trumpista. O partido democrata, apesar de ter sindicatos dentro, está sob total controle da burguesia imperialista. Eis que Biden, ao longo de seu mandato, não conseguiu sequer conter o avanço da extrema direita e, ao contrário, abriu caminho para que Trump voltasse mais forte, com uma base popular ampliada e maioria no Congresso.

O retorno de Trump à Casa Branca não é um acidente, mas uma consequência direta da política de Biden e da manutenção do status quo que favorecem as elites econômicas. Biden não só fez um governo que privilegiou os bilionários capitalistas dos EUA, como também tentou aprofundar a dominação imperialista em todo o mundo. Por isso seu apoio efusivo ao genocídio de Israel em Gaza. Manteve o grosso das políticas de Trump e colocou trilhões de dólares a serviços das multinacionais.

Até mesmo nas pautas democráticas Biden foi mais do mesmo. Deportou mais brasileiros do que Trump em seu primeiro mandato. Obama era conhecido como o deportador-chefe: foi o governo que mais deportou imigrantes no século XXI.

Tudo isso aponta para a necessidade de uma alternativa dos trabalhadores independente dos blocos imperialistas e burgueses. A classe trabalhadora mundial não pode ficar amarrada num abraço de afogados com governos capitalistas ditos progressistas. Isso só ajuda a burguesia e a própria ultradireita.

É possível derrotar Trump e a ultradireita

As contradições internas do capitalismo e as divisões entre a própria burguesia podem gerar uma instabilidade que pode desestabilizar sua administração. O movimento dos trabalhadores nos EUA e em outros países do mundo, por meio de greves e lutas sociais, pode enfrentar Trump, derrotando seu governo e a agenda da extrema direita. Nos últimos anos, nos EUA, houve uma onda de greves, inclusive operárias, construção de fortes sindicatos combativos, como o dos trabalhadores da Amazon, manifestações contra o Estado genocida de Israel. E seguem as lutas contra o racismo e pelo direito das mulheres e das trans.



12º CONGREJUFE

Os trabalhadores e os setores oprimidos devem e podem se unir, se organizar, lutar, resistir a essa agenda reacionária, que não trará nada além de mais desigualdade, repressão e destruição ambiental. Com muita luta e auto-organização contra os patrões e seus governos, autodeterminação e independência de classe podemos vencer.

Fora Trump, Putin e Netanyahu da Palestina e da Ucrânia

Pela vitória da resistência palestina e ucraniana!.

Trump expressa o declínio dos EUA quando muda sua posição em relação à Rússia na guerra da Ucrânia, legitimando a invasão de Putin. Ele diz que a segurança europeia é tarefa dos europeus, o que se encaixa em sua lógica de reduzir os gastos estadunidenses na região para se concentrar no confronto com a China. Ele busca uma aliança com Putin para distanciá-lo da China e fortalecer a ultradireita europeia, que ambos apoiam.

Todo apoio à resistência ucraniana

Trump mudou a política do imperialismo estadunidense sobre a guerra na Ucrânia, aceitando e legitimando a invasão russa e a anexação dos territórios ocupados. Ele tentou forçar Zelensky a assinar um acordo para explorar terras ricas e minerais raros como uma espécie de compensação pelos gastos americanos na guerra. Um acordo colonial tão desfavorável à Ucrânia que o presidente ucraniano foi forçado a rejeitá-lo.

Isso torna as coisas muito mais complicadas para a resistência ucraniana, que já está em uma situação difícil, mas ainda não foi derrotada. Durante três anos, o povo ucraniano tem resistido heroicamente à invasão de um exército muito mais forte. A guerra de trincheiras na região de Donbass mostra um avanço lento da invasão russa, mas com pesadas baixas para os invasores.

Zelensky apostou tudo no apoio do imperialismo americano e europeu, e agora o tapete debaixo dele foi puxado. Trump e Putin iniciaram negociações, excluindo a



12º CONGREJUFE

Europa e Ucrânia, para um “acordo” que legitimaria a anexação russa de parte da Ucrânia.

O imperialismo não faz o que quer. Ele faz o que pode. O imperialismo norte-americano pode fazer muito, porque é o mais forte. Mas o resultado de suas ações dependerá do equilíbrio de forças política, econômica e militar. A guerra na Ucrânia não vai acabar porque Trump quer. Um sentimento de indignação está tomando conta do povo ucraniano hoje contra Trump. A luta heroica da resistência ucraniana continua e isso requer maior apoio dos ativistas e das massas do mundo do que teve até agora.

O neoestalinismo global, que apoiou amplamente a invasão de Putin com um discurso “contra o imperialismo”, agora está do mesmo lado de Trump.

Devemos apoiar a derrota da invasão e ocupação de Putin e defender a integridade territorial e a soberania da Ucrânia. Rechaçar o “acordo de paz” de Trump e Putin e denunciar a proposta de pilhagem imperialista da economia ucraniana. Continuarmos a apelar à solidariedade ativa da classe trabalhadora mundial com a resistência ucraniana e apoiarmos seu direito de obter as armas necessárias para continuar a luta.

Exigimos o cancelamento da dívida externa da Ucrânia com o FMI e todos os usurários imperialistas! Igualmente, denunciamos o imperialismo europeu, cuja ajuda a conta gotas à Ucrânia nunca teve a intenção de garantir sua vitória, mas sim de debilitar Putin. Seus planos armamentistas e de aumento de gasto militar não visam ajudar a Ucrânia, mas sim servir aos seus objetivos imperialistas. Não existem imperialismos bons!

Defendemos a independência política dos trabalhadores ucranianos contra o governo neoliberal de Zelensky. Defendemos a independência dos trabalhadores contra todos os imperialismos.

Todo apoio à luta palestina



12º CONGREJUFE

O acordo de cessar-fogo em Gaza foi uma vitória muito importante, embora parcial, para os palestinos. Israel, mesmo depois de um ano de genocídio bárbaro, não conseguiu liquidar e pôr fim à heroica resistência palestina.

A brutal superioridade militar de Israel, o assassinato de mais de 60.000 pessoas, a destruição da maioria das casas, hospitais e escolas não conseguiram atingir os objetivos genocidas de Netanyahu de exterminar a resistência e resgatar os reféns pela força.

Os palestinos conseguiram a libertação de centenas de prisioneiros e suas cerimônias de entrega de reféns israelenses se tornaram demonstrações da força que manteve a resistência palestina. Além disso, conseguiram alívio temporário dos bombardeios constantes, o que lhes permitiu recompor suas forças. O sionismo nunca foi tão questionado aos olhos do mundo.

Ao mesmo tempo, o governo israelense continua atacando ativamente a Cisjordânia. Mais de 800 palestinos foram mortos pelas forças das FDI (Forças de Defesa de Israel, o nome das Forças Armadas sionistas) na Cisjordânia desde 7 de outubro. Também atacaram o campo de refugiados de Jenin e enviaram tanques pela primeira vez desde 2002.

Até agora, Israel não conseguiu estabelecer uma ocupação terrestre em Gaza ou no Líbano. Como foi o caso em guerras anticoloniais como a do Vietnã e da Argélia, isso pode ser um fator importante na luta do povo Palestino..

Nessa situação, a declaração de Trump defendendo a expulsão dos palestinos de Gaza e sua apropriação pelos EUA para transformá-la em uma “Riviera do Oriente Médio” teve um efeito explosivo. Na prática, trata-se da legitimação de um novo passo qualitativo para um conflito ainda maior, que está ligado à tentativa de anexação da Cisjordânia. Isso ameaça a segunda e a terceira fases do acordo de cessar-fogo e pode levar Israel a retomar o genocídio.



12º CONGREJUFE

As declarações de Trump exigindo que a Jordânia e o Egito recebam os palestinos expulsos de Gaza não foram aceitas por esses países, nem pela Arábia Saudita. A situação em toda a região é explosiva e foi ainda mais radicalizada pelas declarações de Trump. Esses regimes temem que aceitar o plano de Trump possa provocar a eclosão de uma nova Primavera Árabe contra esses governos. Mas eles continuarão tentando chegar a uma proposta de conciliação com Israel e Trump.

A derrubada de Assad na Síria, apesar de todas suas contradições, representa uma vitória importante para o povo sírio e um encorajamento para as massas em toda a região. O HTS está reconstruindo o Estado burguês no país e tem um projeto para impor um novo regime bonapartista. Seu plano é restabelecer o país em acordo com a Turquia, a Arábia Saudita e os países imperialistas, sem confrontar Israel. Mas não conseguiu acabar com as liberdades conquistadas pelo processo revolucionário que derrubou Assad. O processo sírio continua seu curso e estará interligado a todo o conflito na região, embora severamente limitado pela crise de direção revolucionária, incentiva lutas contra ditaduras locais.

Devemos manter e ampliar a campanha em solidariedade à luta palestina contra o genocídio israelense. Defendemos incondicionalmente o direito da resistência palestina de resistir e obter armas onde puder.

Defendemos a expansão das lutas em todo o mundo em solidariedade à Palestina, em defesa do rompimento das relações diplomáticas, militares e comerciais do governo de Lula com Israel.

Defendemos uma Palestina livre, democrática e laica, do rio ao mar.
Perspectivas

As medidas de Trump, além de agravar a crise da ordem mundial, tendem a produzir maior polarização política. Isso não significa que a resistência será aniquilada, mas levará a mais crises políticas e mais lutas.



12º CONGREJUFE

Não acreditamos que a retomada dos ataques de Netanyahu, caso o acordo de cessar-fogo seja rescindido, acabará com a resistência palestina, como o genocídio do último ano demonstrou.

Na Ucrânia, a guerra não será interrompida pelo decreto de Trump. Desde que Trump o atacou e humilhou, a popularidade de Zelensky aumentou 7 pontos. E há mais disposição para resistir militarmente. E mesmo que haja uma derrota na guerra, o imperialismo russo terá que manter uma ocupação terrestre na região, com tudo o que isso acarreta.

A crise da UE está sendo exposta pela humilhação imposta por Trump e pelo fracasso em chegar a uma resposta europeia unificada. O fortalecimento da extrema direita na região é expressão do mesmo fenômeno, como pode ser visto no crescimento da AfD na Alemanha, que dobrou seus resultados nas últimas eleições federais e agora está em segundo lugar. Mas os protestos que começam a ocorrer na própria Alemanha contra a extrema direita indicam essa polarização crescente, assim como os resultados do Die Linke, que conquistou os votos da juventude.

Os protestos contra Trump nos EUA podem se expandir. Não é por acaso que as maiores mobilizações no país nas últimas décadas foram aquelas que surgiram em torno do assassinato de George Floyd durante o primeiro governo Trump. No entanto, essas mobilizações ainda enfrentam os obstáculos do Partido Democrata e a divisão do movimento de massas.

As medidas, intervenções e ataques lançados por Trump, a cara do imperialismo, têm estimulado o aumento da consciência anti-imperialista no mundo. É por isso que é necessário promover a luta contra Trump, mantendo a independência do imperialismo russo e chinês.

Fora Trump, Putin e Netanyahu da Ucrânia e da Palestina!

Ana Luiza de Figueiredo Gomes - SP



FENAJUFE

**FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS
DO JUDICIÁRIO FEDERAL E MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO**
Fundada em 08/12/92

12º CONGREJUFE

APOIO

Ana Luiza de Figueiredo Gomes - diretora Sintrajud SP
Ismael Duarte - Diretor do Sintrajud SP- JT
João Carlos Castilho Diretor Sintrajud SP-JF
José Carlos Sanches - Diretor do Sintrajud SP- JF
Cleber Aguiar - Diretor do Sintrajud SP- TRF3
Jailson Lage - Diretor da Fenajufe
Lucia Martins - delegada de base Bahia= JT
Fernanda Rosa -delegada de base Bahia= JF
Raquel Morel - Diretora de base = Sintrajud SP = TRE

ENDOSSOS

Raquel Morel
Ana Luiza de Figueiredo Gomes
Lucia Lima Martins



12º CONGREJUFE

8 - Conjuntura Internacional e Nacional

Tema Conjuntura Nacional Lutar contra os ataques do governo Lula, o imperialismo e esse sistema dos bilionários

Tema Conjuntura Nacional

Lutar contra os ataques do governo Lula, o imperialismo e esse sistema dos bilionários

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, aprovou um novo aumento nos juros, o primeiro sob o comando de Gabriel Galípolo, presidente do banco indicado por Lula. Também foi a primeira reunião com a maioria da diretoria indicada pelo atual governo. Juntos, aprovaram o aumento de 1 ponto na taxa básica de juros, que foi para 13,25% e reafirmou a posição do Brasil como um dos países que mais pagam juros no mundo.

O que isso significa para o povo? Além de encarecer o crédito, representa pelo menos R\$ 50 bilhões a mais na mal chamada dívida pública. E quem ganha com isso são os grandes rentistas, os mega fundos bilionários, conglomerados financeiros internacionais em Nova Iorque, que têm seu capital multiplicado enquanto fumam seus charutos numa sala com ar condicionado.

Essa é a perversidade da política econômica do governo Lula: de um lado faz ajuste fiscal, impõe um teto de gastos e rebaixa o reajuste do salário mínimo, além de atacar direitos básicos e essenciais como o BPC (Benefício de Prestação Continuada) e o abono salarial, e, na outra ponta, garante mais dezenas de bilhões aos bilionários de Wall Street. Ou seja, fecha a torneira para os pobres enquanto a arreganha para os super ricos.

Lógica que se reflete na recente reforma tributária que, apesar de todo o discurso do governo, manteve uma estrutura de impostos extremamente regressiva, que taxa o



12º CONGREJUFE

pobre e a classe média através do consumo, enquanto mantém isentos os grandes empresários, o agronegócio e os banqueiros.

Enquanto isso, a inflação dos alimentos corroi a renda das famílias mais pobres. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, promete que a supersafra vai reduzir os preços nos supermercados, lavando as mãos. O problema é que a inflação não está sendo causada por falta de produtos, muito pelo contrário. O que faz o preço subir é o aumento nos preços no mercado internacional e a alta do câmbio. O café e a carne que compramos no mercado da esquina é cotado em Dólar na bolsa de Nova Iorque, enquanto nossos salários são em Real.

O que causa a inflação dos alimentos é, portanto, o fato de que o agronegócio brasileiro produz para exportar para o mercado internacional, e não alimentar o povo. Ou seja, o real problema é a nossa posição de semicolônia exportadora de produtos primários, condicionada e submissa ao mercado internacional.

O imperialismo e a burguesia brasileira, sócia-menor do império, que dá a permissão para que ela explore alguns poucos setores da nossa economia (que ela domina), têm o Brasil como um cofrinho que só tiram e tiram dinheiro. Em tempos de crise, quebram esse cofre para arrancar as últimas moedas. Moedas que são frutos do trabalho da classe trabalhadora, e que são roubadas por meia dúzia de bilionários através da superexploração, do mecanismo da dívida, da inflação, de uma jornada de trabalho extenuante, etc.

É o projeto do governo, do Congresso Nacional, da burguesia e do imperialismo, rebaixar cada vez mais o país, tendo como reflexo o aumento da superexploração, a regressão econômica e social e a barbárie.

A ultradireita, por sua vez, segue com força no país, inclusive porque o governo Lula é incapaz de atender as demandas do povo. A recente alta dos juros mostrou que a diferença entre Galípolo e Campos Neto é quase nenhuma. Ou seja, a política monetária de Lula difere em nada do que fazia Bolsonaro. Por isso, o caminho para enfrentar a ultradireita não passa pelo apoio ao governo Lula.



12º CONGREJUFE

Governo Lula se choca com a inviabilidade de seu projeto capitalista

A popularidade do governo Lula está no seu menor patamar histórico. Apesar de o governo ficar repetindo os bons índices econômicos oficiais, estes não cumprem nenhum efeito prático positivo em sua popularidade. Mesmo com crescimento econômico e inflação mais ou menos controlada para os padrões brasileiros, a vida do povo não melhora, e nem café consegue tomar.

Especula-se se Lula teria mudado, se estaria isolado da realidade. Mas Lula vem fazendo exatamente o que sempre fez. Faz um discurso para parecer que defende os trabalhadores e, na prática, faz outra coisa para agradar a direita e os bilionários capitalistas.

O anúncio dos cortes no orçamento junto com o tema da isenção do Imposto de Renda foi um exemplo disso. Na prática, atendeu os interesses dos bilionários capitalistas, enquanto a medida, ainda que limitada, mas que poderia beneficiar minimamente os trabalhadores, foi relegada para um futuro indefinido. Os trabalhadores acreditam cada vez menos no governo, enquanto a burguesia exige cada vez mais.

Decadência e subordinação do país

Lula sonha com um país e um capitalismo que não existe mais. O Brasil é um país decadente que, inclusive, o próprio PT e o PSDB ajudaram a construir. Por isso, as políticas atuais não resultam na popularidade dos governos anteriores. O ciclo de boom das commodities antes da crise de 2008 mascarou temporariamente as contradições do capitalismo brasileiro. Lula surfou na época certas condições que permitiram ao governo privilegiar as grandes empresas capitalistas, enquanto os trabalhadores tiveram um certo aumento do consumo à custa de endividamento e empregos precários. Ou seja, não houve nenhuma mudança estrutural para os trabalhadores. Na verdade, a mudança foi pra pior, com o país se desindustrializando e se reprimarizando, subordinando-se cada vez mais aos diferentes setores do imperialismo.



12º CONGREJUFE

No marco desta longa crise, com o agravamento das disputas entre os setores capitalistas e os países imperialistas, o capitalismo tem cada vez menos espaço para propostas como a de Lula, já que vem arrastando o mundo à barbárie, guerras, catástrofes ambientais e o avanço da extrema direita. O lulismo, ao abraçar alianças espúrias com o grande empresariado, o agronegócio e o centrão, e ao priorizar a suposta “governabilidade” em vez de enfrentar os capitalistas, deixa o terreno fértil para que a ultradireita canalize o ódio social para seus projetos autoritários.

A extrema direita não é um acidente, mas o fruto de décadas de aprofundamento do capitalismo, de conciliação de classes, de abandono da luta anticapitalista e da ilusão de que é possível humanizar o neoliberalismo. Agora, com o governo Lula 3 repetindo receitas fracassadas, a extrema direita se reorganiza, usando um discurso antissistema para esconder a responsabilidade do próprio sistema capitalista.

Falência da política de aliança com os capitalistas

Lula cede às exigências da burguesia por mais ataques aos trabalhadores. Mesmo assim, parte da extrema direita ensaia uma campanha pelo impeachment, embora Bolsonaro defenda “tirar” Lula só na eleição de 2026. A política de conciliação do PT e de fazer um neoliberalismo supostamente inclusivo mostra todo seu esgotamento. Este é o problema central.

Haveria uma saída, mas Lula teria que escolher o caminho da mobilização dos trabalhadores e do povo e do enfrentamento com a burguesia, a ruptura com o capitalismo e o imperialismo, implementando medidas que atendam os trabalhadores e ataque o lucro das 200 maiores empresas que controlam o país, invertendo completamente como as coisas funcionam no Brasil. Mas isso não acontecerá porque significaria Lula não ser o Lula, e o PT não ser o PT.

Apoiar o governo Lula é entregar a oposição à ultradireita

Setores majoritários do PSOL, dizem que não é hora de criticar o governo ou PT. Só que desconsideram que para derrotar a extrema direita e os riscos que ela representa,



12º CONGREJUFE

o apoio ao governo dificulta, já que impede a criação de uma saída de esquerda que seja independente da burguesia, com um programa socialista.

Ficar a reboque do governo é entregar o espaço da oposição todinho para a direita.

E com o governo atendendo os capitalistas, qual trabalhador que está errado ao questionar o preço do café e da carne e ficar com raiva do governo? Os trabalhadores não estão parados. Há a mobilização pelo fim da escala 6x1, há uma série de greves e lutas, que demonstram a disposição dos trabalhadores para garantir suas reivindicações. Mas nada disso o governo atende. Por isso, a tarefa de construir uma oposição de esquerda ao governo é tão urgente.

Não dá para esperar uma volta no tempo, a um mundo onde não exista a extrema direita. Este é o novo normal. Nossa escolha não pode mais se limitar às alternativas da burguesia e uma falsa polarização entre Lula e Bolsonaro. Temos que enfrentar os bilionários e seus governos com suas duas caras diferentes (uma autoritária e a outra da conciliação), para construir uma alternativa realmente dos trabalhadores que ponha fim a esse sistema capitalista de barbárie, miséria e opressão.

Os defensores do governo afirmam que Lula está fazendo o possível e está sendo derrotado pela ala conservadora. Se acham que estão acossados pela direita e, por isso, não conseguem governar, por que colocam cada vez mais gente de direita e do centrão no governo?

É injustificável, em nome do combate à extrema direita, aderir ao governo que faz acordos com a direita. Não é coincidência, inclusive, que neste momento tenha um caça às bruxas no PSOL com a demissão do economista e assessor Deccache e várias medidas de cerceamento dos setores de oposição à direção majoritária encabeçada por Boulos. A falta de apoio à luta de Glauber Braga para manter seu mandato, por exemplo, é impressionante.

Oposição de Esquerda é a única forma de construir independência de classe



12º CONGREJUFE

A esquerda que se dispõe a enfrentar a política anti-povo de Lula deveria refletir e concluir que é impossível ser independente do governo no marco do apoio ao governo. As críticas que fazem ao governo como, por exemplo, o rumo da política econômica, são importantes, mas têm um alcance curto ao não romperem com o governo, passando à oposição de esquerda a ele. Sendo assim, acabam compondo o governo e o campo da colaboração de classes, ainda que com críticas. Isto não ajuda a organização independente dos trabalhadores.

É impossível derrotar a extrema direita em aliança ou confiando na burguesia. Só é possível ser independente da burguesia sendo oposição de esquerda a este governo.

Organizar a classe trabalhadora e lutar

É necessário lutar e enfrentar esses ataques, venham do Governo Federal, venham dos governos estaduais ou municipais. E derrotar essa política econômica do governo, do Congresso Nacional, e das demais esferas do poder.

A saída para isso é a organização e a luta, de forma independente, da classe trabalhadora. É necessário lutar pelo fim da jornada 6x1 e pela redução da jornada de trabalho sem redução salarial. É preciso ver os exemplos dos metalúrgicos do Vale do Paraíba, como os da Eaton e da Hitachi, que começaram o ano com luta e greve. Devemos seguir o exemplo heroico dos indígenas e dos profissionais da educação do Pará, que ocuparam a Secretaria de Educação em defesa da educação aos povos originários. Também temos que lutar contra todas as formas de opressão racista, machista e LGBTfóbica.

Mas para mudar de verdade, é preciso reverter esse processo de recolonização, em que só os bilionários ganham e o povo só perde. E isso só vai acontecer se enfrentarmos esse regime dos ricos, arrancarmos de lá os representantes dos bilionários, destruímos esse sistema capitalista que só nos delega a fome, o desemprego e a perspectiva de uma crise climática cada vez pior; e, em seu lugar, colocarmos os trabalhadores no poder.



12º CONGREJUFE

É necessário construir uma alternativa revolucionária e socialista, que não deixe a classe trabalhadora refém da burguesia, da extrema direita e de alternativas de conciliação de classes que pregam o “mal menor”.

Unificar a luta dos servidores federais para derrotar o arcabouço fiscal de Lula/Alckmin

Os servidores federais estão em luta pelo cumprimento dos acordos salariais feitos em 2024. A retomada da mobilização ocorre devido ao congresso nacional ainda não ter votado o orçamento deste ano, travando o reajuste salarial da categoria ao mesmo tempo que seguem os ataques do governo aos seus direitos.

Nós, servidores e servidoras do PJU, tivemos nosso último reajuste em fevereiro e já sentimos o peso do aumento dos preços corroendo nossos salários. Além das perdas salariais, vivemos o corte no auxílio saúde, reestruturações nos locais de trabalho, aumento das metas provocadas pela implantação da justiça 4.0 e o aumento do assédio nos locais de trabalho com a política do “fazer mais com menos” dos tribunais.

E tudo isso ocorre enquanto a magistratura toma de assalto o orçamento do judiciário, concedendo a si mesma todo tipo de benesses, ao mesmo tempo que reduz e congela nossos benefícios.

Em novembro, no apagar das luzes antes de entrar em recesso, o STF, que se nega a abrir negociação e enviar nosso PCCs ao congresso, demonstrou seu total compromisso com o ajuste fiscal e projeto de reforma administrativa, aprovou a emenda 19/98 flexibilizando as formas de contratação no serviço público. A partir de agora, o RJU está no caminho da extinção, para alegria do governo e sua política de entregar os serviços públicos para o setor privado através das terceirizações, residências jurídicas e outras formas de precarização.

Para fortalecer nossa luta e derrotar tantos ataques do governo, congresso e judiciário, vamos precisar de muita unidade da nossa categoria com os demais servidores federais.



FENAJUFE

**FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS
DO JUDICIÁRIO FEDERAL E MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO**
Fundada em 08/12/92

12º CONGREJUFE

Neste Congrejufe, temos uma tarefa decisiva para derrotar o ajuste do governo Lula: Mudar a direção atual da Fenajufe, tirando os governistas da CUT e retomando a nossa federação de volta para sua história de luta.

Chega de falsas negociações com CNJ, chega de desrespeito às deliberações dos fóruns de base. Vamos organizar um forte calendário de greve e unificar o PJU e os demais SPF's para lutar e vencer.

Ana Luiza de Figueiredo Gomes - SP

APOIO

Ana Luiza de Figueiredo Gomes - Diretora do Sintrajude, SP - TRF3
Cleber Borges Aguiar - Diretor do Sintrajude, SP - TRF3
Ismael Duarte - Diretor do Sintrajude, SP - JT
João Carlos Carvalho - Diretor do Sintrajude, SP - JF
José Carlos Sanches - Diretor do Sintrajude, SP - JF
Raquel Morel - Diretora de base do Sintrajude, SP - TRE

ENDOSSOS

Jailson Lage
Lucia Martins
Fernanda Rosa



12º CONGREJUFE

8 - Conjuntura Internacional e Nacional

O Mundo rumo ao caos e a ofensiva sobre os direitos dos trabalhadores para financiar a guerra

1. O 12º Congresso da Fenajufe, realizado entre 26 de abril e 1º de maio, acontece num período agudo da situação mundial. Na nossa recente tradição, este tema tem ficado em segundo plano. Neste congresso, seria grave repetir este erro, pois não se trata de uma nova página na conjuntura, mas uma de virada. Esta nova situação traz impactos ao Brasil, aos trabalhadores do mundo e a luta por nossas reivindicações.

2. O resultado da eleição nos Estados Unidos não diz respeito apenas ao povo estadunidense. As primeiras decisões e gestos de Donald Trump, mostram, sem nenhum fingimento, o quanto o “predador dominante” (nas palavras do deputado republicano do Tennessee, Andy Ogles) está disposto a usar de todos os meios (econômicos, políticos e militares) para reorganizar todas as relações de dominação em escala global, da mesma forma, no interior de seu próprio país (demissão de servidores, perseguição de opositores, perdão aos invasores do Capitólio, prisão aos estudantes contra o genocídio em Gaza, restrições ao direito ao aborto, obscurantismo, etc). Resta saber o que Trump será realmente capaz de fazer. É, em última análise, a crise do sistema capitalista que se manifesta e se insere no desenvolvimento da situação internacional: o conflito entre os Estados Unidos e a China; o genocídio do povo palestino e suas consequências internacionais; a ofensiva para demolir o coração industrial da Europa e desenvolver a economia de guerra.

3. A derrota de Biden/Kamala entre outros fatores, é produto do aumento de preços dos alimentos e moradia nos EUA (25%), também da frustração com a precária situação de 144 milhões de trabalhadores não-sindicalizados. A sansão foi clara.

4. Como escreve o jornal “Financial Times”: “Dos democratas estadunidenses aos conservadores britânicos, da coligação ‘Ensemble’, de Emmanuel Macron [França], aos liberais-democratas japoneses, passando pelo BJP, outrora dominante, de



12º CONGREJUFE

Narendra Modi na Índia, os partidos no poder e seus dirigentes sofreram uma série de revezes sem precedentes neste ano. Todos os partidos no poder que se apresentaram em eleições em países desenvolvidos recuaram eleitoralmente. É a primeira vez que isso acontece na história, com dados que remontam a 1905". E conclui: "É possível que nenhum partido ou personalidade possa escapar da atual onda mundial de rejeição aos governantes".

5. Deportações e guerra comercial: nenhum país resistirá sozinho

6. Entre outras medidas, Donald Trump planeja deportar 11 milhões de imigrantes em situação irregular, destes 230 mil são brasileiros. Nas américas, ele explora a dependência comercial com os EUA. O México exporta 76,8% de sua produção para aquele país, Canadá, 74,5%, Honduras, 51%, República Dominicana, 49,6%, o Brasil aparece em 9º lugar com 10,7%. Os chamados "governos progressistas" podem e devem convocar todos os demais governos para a resistência comum à ofensiva de Trump e suas retaliações.

7. Apesar da vontade de esmagar este povo, o povo palestino quer viver

8. A extrema facilidade com que Trump impôs o cessar-fogo em Gaza mostra o quanto os Estados Unidos tinham, desde o começo, controle total sobre o genocídio do povo palestino. Contudo a interrupção da ação genocida de Israel não foi motivada por motivos humanitários. As manifestações no interior de Israel pelo cessar-fogo bem como as que ocorreram em todo o mundo, exerceram uma pressão indiscutível.

09. Num cessar-fogo frágil, milhares voltam à Gaza em ruínas. Mostram a vontade de um povo que apesar do horror e da destruição, quer viver em suas terras. Trump defende a remoção forçada dos moradores de Gaza para outros locais, como a Jordânia e o Egito, sem o direito de retorno. Segundo convenções internacionais esta manobra configura uma limpeza étnica. Nossa Federação e os sindicatos devem, portanto, se engajar nas iniciativas de solidariedade e resistência ao povo palestino, ponta de lança da resistência dos povos à ação do imperialismo.



12º CONGREJUFE

10. Ofensiva de Trump chega ao ataque contra a soberania brasileira

11. Para além das ameaças comerciais, anexação de territórios estrangeiros e criação de uma “Riviera” em Gaza, a ofensiva de Donald Trump também se deu sobre judiciário brasileiro. Em 26 de fevereiro, o Departamento de Estado estadunidense acusou o Brasil de tomar medidas “incompatíveis com valores democráticos” em referência a decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) de remover conteúdos de usuários de redes sociais e, no caso de descumprimento das ordens, aplicar multas e bloqueios.

12. O que está em jogo é a independência formal do Judiciário como parte da soberania formal do Brasil. Esta ingerência deve ser rechaçada pelos trabalhadores e trabalhadoras do judiciário federal.

13. Conjuntura nacional

14. As reivindicações do povo brasileiro não cabem no arcabouço fiscal

15. Comemoramos a vitória de Lula sobre Bolsonaro em 2022. Se trata de uma conquista do povo brasileiro apesar da onda de mentiras sobre urnas fraudadas, isenções eleitoreiras, assédio eleitoral e manobras criminosas para impedir votos no nordeste. As medidas de Trump para o funcionalismo em 2025 permitem projetar no Brasil o que seria a continuidade de um mandato de Bolsonaro em 2022.

16. O Brasil tomou conhecimento da dimensão da manobra golpista frustrada em 2022. Com o conhecimento da cúpula militar e financiamento de empresários, bolsonaristas invadiram as sedes dos 3 poderes com a facilitação da Polícia Militar de Brasília. Além disso, planejavam matar Lula, seu vice e um ministro do STF. As dezenas de acampamentos golpistas em frente aos quartéis ocorreram com o aceite de militares, governadores e prefeitos. Na proporção de sua responsabilidade, todos devem ser punidos, civis e militares de todas as patentes.

17. Passados dois anos, os programas sociais foram reestabelecidos. O número de empregos cresceu, contudo a desregulamentação do trabalho, as terceirizações e a



12º CONGREJUFE

informalidade pesam sobre os trabalhadores. Os ganhos salariais foram consumidos pelo aumento dos preços dos alimentos e dos combustíveis.

18. É preciso alimentar as condições para a revogação das reformas da previdência, da reforma trabalhista e da lei das terceirizações. Esse congresso fará? Se não fizer, o povo brasileiro confirmará que com esse congresso não dá. Embalado pelas emendas parlamentares bilionárias, o congresso chegou ao ponto de não votar o orçamento de 2025 (talvez vote em março) numa chantagem permanente por mais emendas, cujo preço final nunca chegará o fim.

19. No quadro do apodrecimento das instituições, não para a onda infindável de penduricalhos autoconcedidos pela magistratura estadual e federal. Ela é condenável não só porque inviabiliza uma política de recomposição salarial dos servidores do PJU, mas também porque eleva o patamar do histórico patrimonialismo histórico do judiciário brasileiro. É um obstáculo à democracia e a existência de um Poder que realmente esteja voltado para as necessidades da população.

20. Os sinais de apodrecimento não param nos penduricalhos. Diversos Tribunais de Justiça (TJs) têm sido alvo de investigações que envolvem vendas de sentenças, falsificação de documentos, heranças sacadas irregularmente entre outros casos. Até agora figuram sete Tribunais estaduais na lista, o do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Bahia, São Paulo, Espírito Santo e Maranhão, além do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

21. Está claro que o judiciário não se autorreformulará. Qualquer mudança virá de fora e deve contar com a ação do povo brasileiro. No México, a saída para um novo judiciário se dá a partir da eleição de 7 mil magistrados. No Brasil está discussão deve ser aberta.

22. Fato é que uma profunda reforma é necessária. É urgente uma reforma política que estabeleça uma verdadeira democracia, que se passe a limpo o judiciário que nunca deixou de se constituir como uma casta a serviço da classe dominante desde os tempos do Brasil Império. É preciso criar as condições políticas para a convocação



12º CONGREJUFE

de uma constituinte soberana, passo que deve ser dado também pelo próprio governo como única via de se livrar do cerco do Centrão e do jogo institucional sem saída.

23. Com arcabouço fiscal não dá

24. No final de dezembro de 2024 foi aprovado no Congresso Nacional o pacote fiscal proposto pelo governo Lula. Além de limitações ao acesso do Benefício de Prestação Continuada (BPC), o Congresso também aprovou a limitação do crescimento real do salário mínimo. Pelas novas regras, os reajustes anuais do salário mínimo passam a levar em conta a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) dos 12 meses anteriores, mais a taxa de crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo ano anterior ao ano vigente, mas limitado no máximo a 2,5% acima da inflação e não podendo ficar abaixo de 0,6%. Na prática, o novo valor do salário mínimo em 2025 (R\$ 1.518) ficou R\$ 10 menor por conta da nova regra.

25. Esta limitação já havia sido aprovada para os gastos públicos colocando em risco a aprovação de concursos públicos, reestruturação de carreiras, ampliação e manutenção de universidades e mais que isso, criando uma bomba relógio para os gastos na previdência e o financiamento da saúde e da educação. É preciso colocar fim ao arcabouço fiscal e de seus gatilhos. As demandas da população não cabem nestas limitações.

26. Sem anistia! Prisão para todos os golpistas de 1964 e 2022!

27. A vitória de “Ainda Estou Aqui” no Oscar - com mais de 5 milhões de espectadores – ajudou a colocar na pauta a luta pela punição dos golpistas do presente e do passado. No carnaval de 2025 milhões de foliões nas ruas gritavam “sem anistia!”. No Rio de Janeiro, na terça de carnaval, milhares de pessoas dançaram e protestaram em frente ao prédio onde mora o general reformado do Exército José Belham. O militar foi acusado pelo Ministério Público Federal de responsável pelo desaparecimento do ex-deputado Rubens Paiva das dependências do DOI-CODI, em 1971, mas o caso está parado no Supremo Tribunal Federal.



12º CONGREJUFE

28. O STF formou maioria para definir que três processos que tratam de vítimas da ditadura, entre eles o de Rubens Paiva, deverão ter “repercussão geral”, ser vinculantes. Isso pode abrir uma brecha na lei da auto-anistia dos militares para puni-los, além de rever a situação dos aposentados e os descendentes que vivem das rendas do Estado.

29. Da mesma forma, é preciso punir todas altas patentes e civis envolvidas na tentativa golpista de 8 de janeiro de 2022, para além dos 34 já denunciados pela Procuradoria Geral da República (PGR), tanto os que agiram como que cooperaram com os acampamentos e ficaram calados.

Paulo Roberto Rodrigues Guadagnin - RS

APOIO

Jaqueline Albuquerque, Aposentada JT - PE
Marcelo Carlini, JF - RS
Paulo Guadagnin, JT – RS
Katia Saraiva, JT - PE
Rodrigo Lantyer, JT – BA
Rogerio Martino Ávila, JE - RS

ENDOSSOS

Marcelo Machado Carlini
Paulo Roberto Rodrigues Guadagnin
Katia Saraiva
Jaqueline Albuquerque



12º CONGREJUFE

8 - Conjuntura Internacional e Nacional

MUNDO EM TRANSE. DEFENDER A SOBERANIA NACIONAL E A DEMOCRACIA COM DIREITOS SOCIAIS E SERVIÇOS PÚBLICOS CONTRA O NEOFASCISMO E O IMPERIALISMO

Conjuntura Internacional

1. MUNDO EM TRANSE. DEFENDER A SOBERANIA NACIONAL E A DEMOCRACIA COM DIREITOS SOCIAIS E SERVIÇOS PÚBLICOS CONTRA O NEOFASCISMO E O IMPERIALISMO

2. Num mundo sob o domínio do capital financeiro, que busca a todo custo, cada vez mais, a acumulação de capital, cresce a ojeriza à democracia, com o aumento de intervenções em governos que apresentem, minimamente, o desejo de implementar políticas antineoliberais. Proliferam também teorias econômicas que sustentam os interesses do capital financeiro. Neste sentido vemos crescentemente a adoção, por parte de movimentos políticos, governos e setores empresariais, das teses da escola austríaca de Von Mises e Hayek. No Brasil, o Instituto Mises virou a escola da extrema-direita. É de assustar, por exemplo, o culto que se faz ao livro Democracia: O deus que falhou, de Hans-Hermann Hoppe, utilizado em aulas deste Instituto, onde se pode ler, por exemplo: "... eles (os democratas e comunistas) terão de ser fisicamente separados e expulsos da sociedade. Da mesma forma, em uma aliança fundada com a finalidade de proteger a família e os clãs, não pode haver tolerância para com aqueles que habitualmente promovem estilos de vida incompatíveis com esse objetivo. Eles – os defensores de estilos de vida alternativos, avessos à família e a tudo que é centrado no parentesco (como por exemplo, o hedonismo, o parasitismo, o culto da natureza e do meio ambiente, a homossexualidade ou o comunismo) – terão de ser também removidos da sociedade para que se preserve a ordem libertária".



12º CONGREJUFE

3. Assim se moldam os grupos de extrema direita, não mais dispersos e isolados, mas articulados organicamente no mundo. É preciso dizer que esta articulação e disseminação da extrema-direita têm sido “auxiliada” pela desilusão causada por governos “progressistas” que se omitem ou se dispõem a aplicar os planos de austeridade, neoliberais, em cada canto do mundo.

4. A ânsia insaciável pelo lucro avança sobre os serviços e bens públicos, destrói a soberania dos países ditos periféricos, avança sobre direitos sociais e trabalhistas em alianças com essas ideologias de extrema direita fascistas, com o propósito de manter o controle social. A “pauta de costumes” tem papel relevante e atacam violentamente avanços que camadas oprimidas conquistaram com suas lutas durante séculos. As mulheres, o povo negro e povos originários, a população LGBTQIA+, cuja opressão é necessária para a manutenção do próprio capitalismo, têm enfrentado violência e intolerância.

5. Na atual fase do capitalismo neoliberal financeirizado, o mundo do trabalho do qual a Classe Trabalhadora extrai seu sustento é cada vez mais desregulado, precarizado, excludente e violento.

6. Fator central dessa conjuntura é maior degradação (nos campos político, econômico, tecnológico, ideológico) da hegemonia dos EUA, acelerando a derrocada da ordem unipolar ante a emergência de uma multipolaridade inconclusa, com fortalecimento de polos regionais (sobretudo no Sul global - incluindo Brasil). Consolida-se mudança do eixo econômico para o Oriente, com destaque para a China e sua embrionária transição ao socialismo. A reação do imperialismo decadente é intensificar a truculência geopolítica, se valendo de guerras regionais para manter sua hegemonia, lucrar com indústria de armas e buscar sua sobrevivência.

7. Assistimos literalmente o projeto de genocídio da população Palestina pelo regime sionista de Israel, na luta pelo controle do Oriente Médio. Tudo isso, sob o olhar paralisado da ONU, que mesmo com a avaliação do horror que se desenrola, não age, tendo como freio o poder de veto dos EUA, principal sustentáculo do governo



12º CONGREJUFE

terrorista do Estado de Israel, no Conselho de Segurança. O frágil acordo de cessar-fogo não projeta nenhum projeto de reconhecimento do Estado Palestino e proteção para o povo.

8. A volta do magnata de extrema-direita Trump, associado a outros como Elon Musk, à presidência dos EUA entronizou no comando do imperialismo e sua poderosa máquina estatal o fascismo do século 21 (neofascismo), como um instrumento mais abertamente reacionário e terrorista do capital, conforme ainda atual definição de Dimitrov. O slogan trumpista M.A.G.A enverga todo o figurino do fascismo descrito por Konder: anticomunismo, liderança carismática, autoritarismo, militarismo, chauvinismo, propaganda massiva, irracionalismo e uso da violência como método político. O internacionalismo da Classe nunca foi tão necessário!

9. Trump emprega a truculência para tentar reverter a perda relativa de poder, repatriar indústrias e cadeias produtivas, reconquistar mercados. Assim eleva de grau a violência política de vários tipos - guerras híbridas, comerciais e tradicionais-bélicas. São expressões dessa nova fase as ameaças à soberania de países (até o Canadá), a asquerosa posição sobre o genocídio e “limpeza étnica” na Palestina e a agressividade contra o principal polo de resistência e de perspectiva pós capitalista – a China, alvo de campanha sinofóbica, orientalista e anticomunista.

10. A crise longa do capital atual não é passageira e é resultado da migração de manufaturas, tecnologias e conhecimento para o Oriente, em especial China. Só o trabalho produz riqueza; e a globalização, de forma dialética, produziu um fortalecimento de países da Ásia, com destaque para a China, que construiu uma revolução econômica e social em poucas décadas, enquanto EUA e Europa acreditaram que poderiam sobreviver da especulação financeira.

11. A consolidação e ampliação dos BRICS pode contribuir para a transição de um mundo unipolar para um outro modelo multipolar, mas depende da luta política e de como a Classe Trabalhadora será capaz de organizar as disputas sobre o modelo de desenvolvimento econômico e civilizatório.



12º CONGREJUFE

12. Essas transformações geopolíticas não se darão sem a dor e o sofrimento da Classe Trabalhadora no mundo. Somos nós que enfrentamos os retrocessos civilizatórios, que morremos nas guerras, que carregamos as opressões, o desemprego, a fome, a miséria, o abandono social, o sexismo, o racismo, a xenofobia; somos nós que sentimos de forma mais violenta a crise ambiental e climática.

13. Somos nós também que precisamos construir as resistências e lutas para mudar o presente e o futuro. A derrota de Bolsonaro no Brasil, a heróica resistência do povo Palestino, do povo Cubano, a experiência popular na Bolívia e México e a própria experiência chinesa são exemplos de resistência e de luta no mundo.

14. Mas precisamos mais. Nenhum sistema hegemônico é derrotado pelas suas próprias contradições. Só a Classe Trabalhadora organizada pode superar o capitalismo neoliberal e estabelecer um Estado verdadeiramente de bem-estar social. Precisamos fortalecer o caráter internacionalista da Classe, reforçando nossas ferramentas de luta nacionais e internacionais, como as Centrais Sindicais. Nossa resistência ao capitalismo neoliberal financeirizado e globalizado, precisa, cada vez mais, ser internacionalista.

15. A luta de Classes continua mais viva que nunca e o que separa a humanidade da barbárie é, hoje, a consciência e a luta contra o capitalismo neoliberal, entendendo que essa luta anticapitalista precisa ser anti-imperialista, antirracista e feminista e contra todas as formas de opressão.

Manoel Gérson Bezerra Sousa - PE

ENDOSSOS

JOSÉ CARLOS
PAULA MENICONNI
MARA WEBER
SORAIA MARCA



12º CONGREJUFE

8 - Conjuntura Internacional e Nacional

A derrota de Bolsonaro e do movimento golpista de 8 de janeiro não foram suficientes para derrotar a extrema-direita como força social e política no Brasil.

Conjuntura Nacional

Tese do Coletivo Nacional Democracia e Luta.

A derrota de Bolsonaro e do movimento golpista de 8 de janeiro não foram suficientes para derrotar a extrema-direita como força social e política no Brasil.

1. Os governos Temer e Bolsonaro infligiram mudanças de caráter neoliberal que tiveram profundo impacto na retirada de direitos sociais da Classe Trabalhadora.

2. A vitória de Lula em 2022, certamente foi uma das principais batalhas pela democracia na história da República brasileira e nos livrou de um caminho desastroso rumo ao abismo autoritário.

3. Mas para essa vitória foi necessário a formação de 2 frentes, a de esquerda, no primeiro turno e uma frente ampla no segundo turno, com a entrada do MDB e de outras figuras simbólicas do neoliberalismo brasileiro configuraram a frente ampla com suas pressões sobre o governo, especialmente sobre o programa econômico.

4. Setores neoliberais, ultradireitistas e conservadores da sociedade brasileira mantêm-se em maioria no Congresso Nacional e ocupam espaço inclusive com a indicação de ministros para o governo. A correlação de forças é absurdamente desigual, cenário que é agravado pela dificuldade dos partidos de esquerda, Centrais sindicais e seus sindicatos e demais movimentos sociais mobilizarem a massa para pautas de direitos e democracia.

5. A imprensa, em sua maioria, continua a aderir à ideologia do Estado mínimo para os pobres, promovendo a crença de que o mercado é mais eficiente que o Estado e



12º CONGREJUFE

naturalizando as desigualdades sociais. No entanto, quando se trata de servir aos interesses da classe dominante, o Estado é constantemente acionado.

6. Herdamos um enorme desmanche deixado por Bolsonaro: ataques à classe trabalhadora e aos sindicatos, privatizações, mais de 700 mil pessoas mortas na pandemia - sendo que centenas de milhares delas poderiam ter sido evitadas se o próprio governo não tivesse sabotado a vacinação do povo - demissões e perseguições, desmonte em todas as áreas de políticas públicas. A área ambiental foi uma das mais prejudicadas, com a anulação do Ibama, do ICMBio e da própria FUNAI. Houve militarização de áreas inteiras no governo, com graves consequências na descontinuidade de ações federais, incompetência e desmandos.

7. Nos estados e nos municípios a situação segue essa lógica. A realidade é de privatizações nos setores da saúde, da educação, saneamento básico, energia e até da assistência social, com a lógica dos convênios com entidades “do terceiro setor”, organizações sociais, etc. O modelo iniciado por Fernando Henrique Cardoso se tornou o modelo da dominação neoliberal no que concerne à relação entre Estado e sociedade. Mesmo em governos do campo progressista, é muito raro que ocorra resistência firme à lógica neoliberal.

8. No atual estágio do capitalismo neoliberal, o Brasil continua sendo um país guiado economicamente pela exportação primária. O agronegócio, o empresariado e o setor rentista continuam tendo enorme poder no país e articulados aos grupos de ideologia conservadora dominam o Congresso Nacional em defesa de um modelo de desenvolvimento predatório, injusto e de aprofundamento do Estado mínimo.

9. Essa realidade nos coloca a tarefa de enfrentar a concentração da propriedade e da riqueza no campo e na cidade e a emergência climática, apontando para uma transição justa (1) e retomada de direitos sociais e ambientais.

10. Por mais que o terceiro mandato de Lula tenha iniciado uma recuperação importante em alguns setores - como a retomada do Bolsa Família, a nova expansão dos Institutos Federais de Ciência, Tecnologia e Inovação, a reunião de investimentos



12º CONGREJUFE

em obras públicas com o PAC, entre outros - seguimos o domínio da lógica neoliberal, que permanece privilegiando o corte de despesas públicas.

11. A taxa de juros absurda é o real problema fiscal do Brasil. A recente mudança na Presidência do BC não se mostrou, até agora, um elemento positivo nesse cenário ditado pela especulação do Mercado. Nesse sentido a luta pela redução da taxa deve ser pauta do movimento sindical. Seguimos na defesa da exclusão dos pisos Constitucionais da saúde e educação, a política de valorização real do salário-mínimo e dos investimentos de qualquer medida de ajuste fiscal, a fim para garantir o desenvolvimento do país com distribuição de renda.

12. O governo também se auto impõe limites aos gastos públicos a partir de uma lógica neoliberal de fazer superávit para beneficiar uma parcela mínima da sociedade que são os rentistas, essa política se opõe ao programa que conduziu Lula para o seu terceiro mandato. Dessa forma, há que se fazer a crítica à proposta de “medidas de fortalecimento da regra fiscal” apresentada pelo governo que limitou o crescimento real do salário-mínimo a apenas 2,5% ano, o que prejudica a política de valorização do salário-mínimo, a redução dos beneficiários do abono salarial e a proposta que dificulta a concessão dos Benefícios de Prestação Continuada. Ao mesmo tempo necessário reconhecer o acerto da proposta de aumento da faixa de isenção do IR para R\$ 5 mil e a tributação dos ricos como um avanço no objetivo de redistribuição de renda e entrada dos ricos no Imposto de Renda, que merece ser defendida como de interessa da Classe. Dessa forma, seguimos com dificuldades de gerar mais recursos a serem utilizados pela União e pelo governo, que possam viabilizar um projeto político de transformação social. Sem dinheiro público não há como gerar mudança!

13. Há uma enorme expectativa do povo em relação ao governo Lula, frustrada pela morosidade em entregar soluções para as demandas urgentes da população e respostas muito tímidas à pauta da Classe trabalhadora. Diante disso, cresce o descontentamento em relação ao presidente, o que agrava ainda mais a dificuldade nas mobilizações e na organização do campo progressista. Mesmo após 2 anos de



12º CONGREJUFE

governo, a ultradireita que se constituiu como campo político, social e cultural, está enraizada socialmente, ativa politicamente, doutrinada ideologicamente, e utilizando seu poderio econômico na dominação das redes sociais, visto que proprietários destas redes comungam da ideologia da ultradireita que se consolida e cresce no mundo inteiro.

14. A governabilidade é frequentemente ameaçada pelo Congresso e pelos donos do capital que insistem em manter o governo refém de seus interesses em nome de um falso equilíbrio nas contas públicas. Diante desse quadro, é urgente que ocorram mudanças na política econômica que impõe restrições de gastos, rever a autonomia do banco central, que mantém as mais altas taxas de juros, e no sequestro do fundo público destinado a emendas de deputados. Para que o programa eleito nas urnas seja implementado e se possa trilhar caminhos que nos conduza ao reencontro do projeto vitorioso nas urnas de 2022 é necessário adotar medidas ousadas e concretas que recoloca na centralidade os interesses povo brasileiro e o atendimento às suas necessidades fundamentais como trabalho, saúde, educação e moradia.

15. Há ainda, o processo de captura do orçamento pelo legislativo que impôs ao Executivo federal uma grande perda de sua capacidade de iniciativa orçamentária. A cada legislatura, parcelas cada vez mais significativas do orçamento público são capturadas para financiar suas práticas clientelistas e de compra de votos. Inicialmente foi com o advento das emendas individuais impositivas, ainda no Governo Dilma. Depois as emendas de bancada também passaram a ser impositivas. E o coroamento veio com o chamado “orçamento secreto” que, mesmo após decisão do STF, tem seus recursos ainda disponíveis a esses parlamentares. O aumento desses ganhos financeiros veio acompanhado de mudanças na legislação eleitoral que, em seu conjunto, perseguem o mesmo objetivo de perpetuação de mandatos e manutenção de um sistema baseado na despolitização e personalização das práticas políticas

16. Nesse cenário vemos o Governo Lula cotidianamente submetido a chantagens para viabilizar a aprovação de qualquer medida legislativa. O Congresso impede ou



12º CONGREJUFE

limita e dita o ritmo de qualquer iniciativa de mudança - seja ela estrutural ou não - em benefício das classes trabalhadoras e das populações exploradas, discriminadas e marginalizadas, como no caso da aprovação do Orçamento anual, da taxação de grandes fortunas e do projeto de isenção de IR até 5 salários mínimos. Essa situação se torna ainda mais grave diante da ausência de reflexão mais aprofundada e ações concretas e sistemáticas por parte do conjunto da esquerda, seus movimentos e organizações, incluído aí o movimento sindical, para superar essa correlação de forças extremamente desfavorável.

17. Nesse sentido o movimento sindical, em parceria com demais movimentos precisam construir uma agenda de lutas que recoloque nas ruas um projeto de país que contemple radicalização da democracia, direitos sociais e ambientais, defesa do patrimônio e serviços e bens públicos, distribuição e aumento de renda a partir das relações do Estado com a sociedade, com a implementação de práticas de democracia participativa que, aos poucos, vá articulando uma nova governabilidade que vá além do parlamento (sem excluí-lo) costurando uma aliança direta com a população a partir do aprofundamento do debate de suas principais demandas/questões, construindo um processo politizador para a formação de uma consciência social de formulação, defesa e construção de um novo modelo alternativo de desenvolvimento econômico e social sustentável e solidário para o nosso País.

18. A derrota da extrema direita é fundamental para que a Classe Trabalhadora do campo e da cidade, do setor público, privado, formal e informal avance na sua pauta de direitos.

Em defesa da democracia! Sem anistia! Fim da autonomia Banco Central!

Fim das emendas parlamentares! Isenção IR até 5 salários já!

A precarização do mundo do trabalho e os desafios do movimento sindical



12º CONGREJUFE

19. A globalização neoliberal tem produzido cada vez mais concentração de renda, empregos precários no setor privado e público e informalidade mesmo em períodos de maior dinamismo econômico. A ideologia do empreendedorismo formou o caldo para a criação de ocupações uberizadas e pejotizadas. Nesta última década, a maior parte do emprego gerado corresponde ao setor informal. Segundo dados da PNADC-IBGE, enquanto a ocupação cresceu 11% entre 2012 e 2023, o trabalho por conta própria expandiu 27%. A informalidade segue elevada, de acordo com a mesma fonte, em 2012 ela correspondia a 39,0%, em 2023 segue com 39,1%. Trata-se de pessoas sem cobertura pela legislação trabalhista e que vivem em situação de extrema vulnerabilidade. Além disso, as taxas de desemprego se mantêm elevadas quando desagregadas por gênero e raça: 11,2% para as mulheres negras e 5,0% para os homens brancos. Ainda, a introdução de ferramentas tecnológicas, como sistemas informatizados IA e robotização têm potencial para substituir uma parcela significativa da mão de obra, conforme indicam estudos da OIT.

20. O emprego em condições de informalidade é um fenômeno heterogêneo: afeta mais as mulheres, as pessoas negras e os jovens do que a população masculina e branca. Conforme dados da OIT, enquanto o percentual de trabalhadoras/es em condições de informalidade é de 52,3%, entre as mulheres chega a 54,3% e entre os jovens a 62,4%. No Brasil, afeta principalmente as pessoas negras: 43,5%, já entre as pessoas brancas é de 33,6%, além disso, 35,2% das pessoas ocupadas não contribuem com a previdência social. As pessoas ocupadas em atividades informais percebem, em geral, uma remuneração média que corresponde à metade da remuneração dos que têm seus direitos assegurados, além de trabalharem em número maior de horas. A informalidade, a pobreza e a exclusão social se reforçam mutuamente gerando um círculo vicioso de desigualdade e privação.

21. Por outro lado, a ampliação do teletrabalho no setor público e privado teve um aceleração com a crise da pandemia por COVID19 em 2020 e está desafiando as organizações sindicais a repensarem seus modelos de organização tradicional. A fragmentação desmonta as bases nas quais se sustenta a organização sindical.



12º CONGREJUFE

22. Essa precarização das relações também alcança o serviço público. No Poder Judiciário vemos práticas para burlar o concurso público e contratar diretamente com salários inferiores, como por exemplo a residência jurídica. É preciso repensar um sistema de direitos e proteção social que seja capaz de proteger todas as pessoas que estão ocupadas, independentemente se na formalidade ou informalidade e conta própria.

23. O debate sobre a jornada de trabalho é fundamental, uma vez que a distribuição do tempo é um dos problemas centrais da Classe. Os tempos são transformados pelas mudanças econômicas, sociais e culturais, mas tais mudanças não se processam unicamente na esfera produtiva com o controle da extensão, distribuição e intensidade da jornada relativa ao trabalho remunerado, mas na forma como o trabalho reprodutivo está organizado e como mulheres e homens distribuem o seu tempo entre essas duas dimensões de forma articulada entre si.

24. A luta pela redução da jornada de trabalho parece ser a resposta adequada diante de um mundo do trabalho que tende a absorver cada vez menos trabalho vivo e cada vez mais trabalho morto, que tem submetido a Classe a superexploração, jornadas sem fim e hiperconexão que por sua vez têm aumentado as violências no trabalho e impactado de forma importante a saúde da Classe, gerando um grau elevado de adoecimento mental e suicídios entre trabalhadoras e trabalhadores. Dessa forma, tanto a defesa da redução da jornada sem redução de salário, quanto o direito à desconexão, são ferramentas importantes na disputa pelo trabalho digno, em especial para as mulheres e precisa ser tarefa central do movimento sindical

25. E para além da jornada de trabalho em si, é necessário pensar na vida além do trabalho, que inclui a política de cuidados e a mudança de cultura na repartição entre homens e mulheres e também do Estado no que diz respeito ao trabalho reprodutivo e de cuidados, enfrentando a organização patriarcal capitalista que impõe jornadas sem fim para as mulheres trabalhadoras, remuneradas ou não. Reduzir o tempo de trabalho necessário para a reprodução da vida e o trabalho doméstico deve também ser bandeira do movimento sindical.



12º CONGREJUFE

26. Portanto, é fundamental recolocar a centralidade da redução da jornada de trabalho como forma de gerar e distribuir empregos para todas as pessoas. Os avanços tecnológicos permitem tecnicamente reduzir a jornada de trabalho e, como sempre ocorreu na história do capitalismo, a questão é política e ideológica. A defesa da redução da jornada deve estar associada ao debate mais geral sobre a distribuição do tempo entre o trabalho e não-trabalho e na própria distribuição das responsabilidades familiares por todos os seus membros.

27. Esses desafios impõem ações para que se revertam o estilo e as orientações tradicionais do sindicalismo e abra novas margens de escolha estratégica para os atores responderem às mudanças do capitalismo no final do século XX. É, pois, sobre essa capacidade de resposta da agenda sindical que os sindicatos devem estar abertos. É preciso, além de analisar as atuais transformações no capitalismo contemporâneo e seus impactos sobre a regulação das relações de emprego e, principalmente, sobre a capacidade de os atores coletivos responderem a esse contexto, deve-se demonstrar capacidade de renovar a agenda, procurando novas estratégias sem perder a sua identidade e os propósitos e características herdadas de sua própria trajetória de luta e resistência.

28. O perfil do sindicalismo marcadamente masculino precisa ser enfrentado, a participação das mulheres, pessoas negras e jovens ainda está aquém do que é necessário para refletir o perfil da classe trabalhadora, composta majoritariamente por mulheres negros e jovens. Por que o movimento sindical não atrai a juventude? As taxas de sindicalização não ultrapassam os 4%.

29. As mudanças na economia global que ao produzirem uma classe trabalhadora mundial também está criando as condições para um movimento sindical com capacidade de agir para além das fronteiras nacionais abrindo novas oportunidades de internacionalização da ação sindical que se propõe a dialogar com a sociedade civil e se aliar com outros movimentos sociais que pautam a questão de gênero, da luta por direitos humanos, ecológicos etc., rejeitando a forma hierárquica e subordinada ainda prevalecentes na maior parte dos sindicatos.



12º CONGREJUFE

30. Trata-se de um momento histórico em que as respostas à saída da crise estão na construção de uma força social do lado da Classe trabalhadora, das organizações sociais e populares, forjando a capacidade de resistir aos desmontes dos direitos, conformando um campo de resistência e de luta cuja centralidade esteja na preservação da vida, no trabalho e na renda. O fortalecimento das organizações sindicais é essencial para pressionar governos e instituições públicas no sentido de preservar empregos e renda. Ao mesmo tempo, as organizações precisam atuar para conter as tentativas de imposição dos empregadores de agendas liberais e de flexibilização das relações de trabalho sob a justificativa de preservação de empregos.

31. Por fim, é fundamental que o movimento sindical defenda um modelo de desenvolvimento no Brasil que considere a relação com a natureza, os impactos ambientais que os padrões de consumo capitalista causam e as alternativas que devem ser trabalhadas para que não caminhemos em uma direção destrutiva que venha inviabilizar a vida no planeta. Fazer frente a precarização do trabalho e perda de direitos sociais, cada vez mais, necessita estar associado ao debate de um outro modelo de desenvolvimento e aos direitos do trabalho associado e autogestionário - que não se confunde, ao contrário, enfrenta a ideologia do “empreendedorismo” e sua prática neoliberal -, bem como ao resgate do trabalho necessário para a reprodução da vida, os cuidados e o bem viver das pessoas e comunidades – são processos entrelaçados e

32. As emergências climáticas tornam inadiáveis essas mudanças, necessárias para que o planeta possa se recuperar do desastre ambiental provocado pelo sistema capitalista e aprofundado pelo neoliberalismo. Diante disso, o conceito de transição justa que deve estar fundamentado nas propostas e práticas que garantem a biodiversidade e resista ao avanço do capital sobre os territórios, seja via agronegócio, extrativismo ou financeirização da natureza. Reforma agrária, agroecologia e um modelo de desenvolvimento sustentável, baseado na produção de baixo carbono, baixa emissão de gases de efeito estufa e na democratização da energia são elementos centrais de uma transição justa onde a classe trabalhadora tenha garantido condições de vida e trabalho dignas, respeito aos direitos humanos



12º CONGREJUFE

e igualdade de oportunidades a trabalhadoras, trabalhadores e comunidades implicadas, especialmente nos povos e nações do sul global preservando a soberania e democracia, tendo a coordenação e gestão Estatal e com participação social na sua proposição e implementação.

33. O significado da transição justa (1) para a classe trabalhadora deve reivindicar o legado de luta pelos serviços públicos. Nesse aspecto, a defesa das empresas estatais públicas é essencial, tais como a Eletrobrás e a Petrobrás. Cabe ainda reivindicar que tenham como objetivo principal o combate e redução das desigualdades estruturais do país, com respeito aos territórios e minimizando impactos socioambientais.

Por redução da jornada sem redução de salário! Em defesa do Serviço e bens públicos! Fortalecer a organização da Classe! Por uma transição Justa!

(1) A transição justa é a principal bandeira do movimento sindical na discussão sobre a crise climática e seu enfrentamento. Reconhecendo a necessidade de uma transição para uma economia de baixo carbono, o sindicalismo defende que a classe trabalhadora não seja prejudicada nesse processo. Para isso a transição justa propõe que seja desenhado e implementado um conjunto de políticas para garantir que a transição e o caminho para uma produção com baixas emissões de gases de efeito estufa ofereçam ao mesmo tempo condições de vida e trabalho dignas, respeito aos direitos humanos e igualdade de oportunidades a trabalhadoras, trabalhadores e comunidades implicadas, especialmente nos povos e nações do sul global.

Manoel Gérson Bezerra Sousa - PE

ENDOSSOS

MARA WEBER
PAULA MENICONNI
SORAIA MARCA
JOSÉ CARLOS



12º CONGREJUFE

8 - Conjuntura Internacional e Nacional

Conjuntura Internacional: Coletivo Lutafenajufe

APRESENTAÇÃO

Apresentamos nossa contribuição ao debate de conjuntura nacional e internacional do 12º Congrejufe, que definirá os rumos de nossa federação e também as políticas que sustentarão a Fenajufe no próximo período. A conjuntura é um dos pontos principais, pois possui um caráter estruturante. Toda a política que será deliberada, desde as mais gerais sobre os servidores públicos até as questões mais específicas de nossos segmentos e tribunais e do Ministério Público da União, diz respeito a um momento histórico específico e a uma conjuntura política, econômica e social que precisamos entender e caracterizar adequadamente. Somente assim atuaremos de forma correta, sem cometer erros que prejudicarão toda nossa categoria. Os presentes textos partem da localização dos servidores públicos no tecido social de um sistema capitalista em crise, que lança uma ofensiva contra nós, trabalhadores e trabalhadoras. Dada a necessidade de focar em aspectos de maior centralidade para os servidores públicos e o mundo do trabalho em geral, objeto principal deste congresso, não pudemos aprofundar temas igualmente relevantes em nossas teses, mas que serão objetos de outras elaborações de nosso coletivo. Exemplos incluem questões que envolvem conflitos armados e verdadeiros massacres contra populações, como ocorre na Faixa de Gaza, além de diversos outros temas de direitos humanos e liberdades democráticas.

Deste modo, convidamos as servidoras e servidores do PJU/MPU a ler nossas contribuições e a participar dos debates do 12º Congrejufe.

CONJUNTURA INTERNACIONAL

Uma ofensiva do capital contra o trabalho em escala global



12º CONGREJUFE

1. Vivemos uma época de profundo agravamento dos ataques contra a classe trabalhadora em todo o mundo. É certo que esses ataques não começaram na última década, mas têm sua gênese na própria estrutura do sistema capitalista desde sua origem, baseado na exploração. Porém, a atual configuração desses processos tem suas raízes na ofensiva do capital contra o trabalho, cuja expressão histórica está no surgimento do que chamamos de neoliberalismo. Este não pode ser erroneamente compreendido como uma simples política econômica adotada na década de 1970, em resposta à crise do petróleo, mas sim como uma estratégia do capital para restaurar e ampliar sua taxa de lucro em um contexto de crise estrutural do sistema capitalista. O neoliberalismo é a expressão da intensificação de sua lógica destrutiva inerente.

2. Nos anos 1970, o modelo keynesiano de regulação estatal e compromisso social capitalista começou a se esgotar, tanto pelos próprios limites internos quanto pelo contexto de evolução da Guerra Fria, abrindo caminho para a ascensão do neoliberalismo. Este representou uma ofensiva política, econômica, social e ideológica contra os direitos e conquistas da classe trabalhadora, especialmente aqueles consolidados no pós-Segunda Guerra Mundial, com particular ênfase na disputa das visões de mundo. Afinal, como afirmou Margaret Thatcher, uma das principais expoentes do neoliberalismo, "a economia é o método, mas o objetivo é mudar a alma das pessoas" (declaração feita em 1981). A questão ideológica desse projeto, portanto, é de fundamental compreensão para os servidores públicos e o conjunto da classe trabalhadora, pois revela como o neoliberalismo buscou transformar não apenas as estruturas econômicas, mas também as mentalidades e os valores sociais, impactando diretamente as políticas públicas e as condições de trabalho, hoje precarizadas, uberizadas e terceirizadas.

3. Neste processo de ascensão do neoliberalismo, a destruição do Estado de Bem-Estar Social, modelo que historicamente se apresentava como uma forma de mediação (ilusória, é claro) entre capital e trabalho, é um dos aspectos mais profundos dessa ofensiva neoliberal. Ao longo dos anos, não apenas os estados de bem-estar social (de tipo europeu) foram desmantelados, mas também a existência de direitos sociais, econômicos e até políticos, tanto no mundo ocidental quanto em



12º CONGREJUFE

outras partes do planeta, foi gradativamente colocada em xeque. Afinal, o neoliberalismo busca eliminar essas mediações, subordinando todas as esferas da vida à lógica do mercado.

4. Na periferia do sistema, pelas armas e pelos golpes de Estado, avançou-se nesse processo. Destaca-se o golpe de 1973 no Chile, patrocinado pelos EUA e liderado por Pinochet, que destruiu uma construção democrática e impôs uma ditadura. Esse regime foi um dos grandes laboratórios das políticas neoliberais no mundo, servindo como um terreno para a implantação da doutrina da Escola de Chicago, tendo Milton Friedman como seu maior expoente.

5. Essa subordinação generalizada ao mercado, levada a cabo por todas as formas — nas urnas e pelas armas —, no entanto, não ocorreu sem consequências profundas para a sociedade. A crise estrutural do capitalismo, agravada pelas políticas neoliberais, que, em vez de combatê-la, a intensificaram, gerou um cenário de instabilidade social e econômica, marcado pelo aumento da desigualdade, pela precarização do trabalho e pelo desmonte dos serviços públicos. Esse cenário de desesperança e frustração popular criou um terreno fértil para o surgimento de forças políticas reacionárias.

A extrema direita e a destruição de direitos

6. Na atualidade, tal qual vimos no pós-Primeira Guerra Mundial e em outros períodos do século XX, o avanço da extrema-direita, abertamente defensora do fascismo em suas diversas formas ou não, é indissociável do aprofundamento da crise do capital. A atual expressão da extrema-direita em todo o mundo, que não possui uma identidade única, mas compartilha muitos elementos comuns, tem seu ascenso nas consequências das crises, atuando na prática como uma força política à altura dos interesses do capital. A extrema-direita, corpo político mais coerente com a lógica capitalista neoliberal, surge como uma resposta reacionária a todo esse contexto de crise. Ganhando amplos setores de massas e explorando a falta de



12º CONGREJUFE

perspectiva oriunda da precarização das condições de vida, do desmonte dos direitos sociais e da crescente desigualdade no mundo inteiro.

7. Neste contexto, o aspecto ideológico opera de forma impressionante: não apenas essas forças políticas não apontam para as verdadeiras origens e causas da crise — que é o próprio sistema capitalista e sua permanência —, mas também projetam de forma a desviar a revolta popular para falsos alvos e responsáveis. Desse modo, direcionam a atenção de amplos setores de massas para questões que, na prática, são bodes expiatórios, como imigrantes e minorias, reforçando a fragmentação da classe trabalhadora e fortalecendo a hegemonia do capital. Vale destacar que, na atual quadra histórica, no Ocidente, vemos um papel ideológico crescente do fundamentalismo cristão em vários países (como EUA e Brasil, por exemplo). E, ao mirar as instituições democráticas burguesas existentes, frutos de outros processos históricos, a extrema-direita assume um caráter político reacionário e de ruptura com outras vertentes da política burguesa.

8. Muitos governos do campo progressista em várias partes do mundo, embora tenham sido eleitos sob expectativas de transformação social, acabaram não rompendo com o neoliberalismo. Pelo contrário, aderiram a ele. Sabemos que o rompimento de um governo com o domínio neoliberal leva a um processo de enfrentamento com o grande capital e a ataques de corporações e do imperialismo. Esses ataques, inclusive, já levaram importantes processos democráticos à derrota ao longo das últimas décadas. No entanto, essa realidade não se aplica à imensa maioria dos governos do campo progressista no século XXI.

9. Essa incapacidade de romper com o status quo, que na verdade é uma opção de adesão ao neoliberalismo como sinônimo de "único mundo possível", gerou frustração, revolta e desilusão entre amplos setores das massas e classes médias. Desse modo, vimos no século XXI a extrema-direita captando esse sentimento e se apresentando como uma alternativa fora do espectro político tradicional. A extrema-direita, com seu discurso aparentemente anti-establishment e com promessas de supostas mudanças radicais (reacionárias e retrógradas na verdade, nunca



12º CONGREJUFE

enfrentando de fato os problemas, mas ampliando-os), conseguiu capturar esse momento histórico, apresentando-se como uma opção viável. Os casos da Argentina, com a eleição de Javier Milei em 2023, e do Brasil com Bolsonaro em 2018, além do crescimento generalizado da extrema-direita global, expressam esse fenômeno extremamente preocupante.

Governo Trump e o fortalecimento internacional dos movimentos reacionários

10. A vitória de Donald Trump leva este momento histórico, já crítico, a dimensões ainda maiores. Sua eleição em 2024 nos EUA fortalece a extrema-direita global, racista e neonazista impulsionando políticas reacionárias que ameaçam direitos fundamentais em todos os níveis. Não podemos deixar de citar o avanço significativo na perseguição contra imigrantes, o crescimento da misoginia e da violência contra a população LGBTQIA+, tanto nos EUA quanto em outros países que seguirão a diretriz trumpista. Nos últimos anos, diversas bases de dados sobre assassinatos de mulheres e pessoas LGBTQIA+ no mundo são crescentes, demonstrando um ascenso de violência sistemática em diversas nações, muitas delas com legislações repressivas que legitimam ou ignoram essas práticas.

11. Sobre a misoginia e a opressão e violência contra as mulheres, um dado preocupante é que a luta em defesa dos direitos reprodutivos segue sob forte ataque em praticamente todas as partes do mundo. Esse cenário ganhou força após a revogação de Roe v. Wade em 2022, decisão histórica da Suprema Corte dos EUA que, desde 1973, garantia o direito constitucional ao aborto no país. Com a revogação, dezenas de estados norte-americanos impuseram restrições severas ou proibições totais ao aborto, colocando em risco a vida, a saúde e o direito das mulheres sobre seus próprios corpos. A reeleição de Trump pode aprofundar esse cenário, incentivando governos ultraconservadores ao redor do mundo a seguir o mesmo caminho. No Brasil, por exemplo, esse contexto fortalece movimentos de extrema-direita que buscam restringir ainda mais os direitos reprodutivos e ampliar políticas repressivas.



12º CONGREJUFE

12. Outra questão importante que se abre com o novo governo Trump é a aliança estratégica de sua administração com as grandes empresas de tecnologia. A presença de líderes das big techs na cerimônia de posse de Trump, como Mark Zuckerberg, Jeff Bezos e Elon Musk — que, na prática, integra o governo como chefe do Departamento de Eficiência Governamental (DOGE) —, sinaliza um alinhamento orgânico preocupante entre o poder político e o poder corporativo, que sempre existiu mas ganha novas dimensões na atual quadra histórica. Essa relação não apenas coloca as big techs a serviço do capital, mas também dos interesses da extrema-direita mundial, ampliando seu controle sobre a economia, a política e a sociedade. Ao assumir o controle das comunicações, informações e interações sociais, essas empresas deixam o mundo refém de seu poder tecnológico e financeiro, ameaçam os direitos dos trabalhadores e a própria noção de um Estado soberano e liberdades democráticas. Essa subordinação às agendas da extrema-direita global reforça um cenário de autoritarismo crescente.

13. A extrema-direita não mira apenas as chamadas políticas de costumes, como algumas pessoas equivocadamente imaginam. O tacanho jargão “conservador nos costumes, liberal na economia” não é apenas uma frase de efeito bolsonarista, mas revela que estes têm a destruição dos direitos, do serviço público e inclusive dos servidores e servidoras, como centro de sua agenda. A ascensão de Musk como “mentor” da administração pública do governo Trump no Departamento de Eficiência Governamental (DOGE), liderado por ele, representa uma ameaça maior do que pode parecer em uma primeira análise. Na realidade, trata-se da busca do império da visão empresarial neoliberal de “eficiência” sobre o Estado e o funcionalismo, tratando os servidores públicos como meros custos a serem eliminados.

14. Um importante exemplo foi a iniciativa de Elon Musk de enviar um e-mail a todos os funcionários públicos federais, em 22 de fevereiro de 2025, exigindo que justificassem suas atividades sob a ameaça de demissão caso não respondessem à mensagem, evidenciando uma abordagem autoritária e assediadora. Essa medida, que gerou confusão e indignação entre as agências norte-americanas, integra-se a uma estratégia de demissão em massa de servidores e servidoras, revelando o



12º CONGREJUFE

objetivo de Trump de expurgar aqueles que não se alinham às suas políticas reacionárias. O plano mira os 2 milhões de servidores públicos em um suposto projeto de demissão voluntária.

15. O DOGE pode servir como um precedente global perigoso, incentivando outros governos a adotarem medidas semelhantes sob o pretexto de "modernização" ou "reforma administrativa", como conhecemos bem no Brasil. A ameaça de demissão em massa e a desvalorização do serviço público, e desrespeito aos servidores, como visto no caso do e-mail de Musk, se não for contida, pode consolidar um modelo de gestão pública subordinado de forma totalmente explícita aos interesses corporativos, movido a assédio moral e pressão, onde a suposta "eficiência", o DOGE, portanto, não é apenas uma ameaça local, mas um sinal alarmante para a classe trabalhadora, sobretudo o funcionalismo público.

16. Finalizamos a presente contribuição destacando que o massacre do povo palestino, praticado pelo consórcio sionista-estadunidense, também é uma expressão dessa ofensiva do capital contra a classe trabalhadora. Esse conflito, além de suas dimensões humanitárias e políticas, revela interesses capitalistas territoriais e geopolíticos que devem ser firmemente repudiados por nossa categoria. Da mesma forma, outros conflitos armados na Ásia e na Europa, como vemos na guerra deflagrada após a invasão da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022, evidenciam o agravamento da crise global e a intensificação dos conflitos e das políticas imperialistas.

17. Esses cenários não apenas aprofundam a instabilidade internacional, mas também reforçam a necessidade de uma luta unificada da classe trabalhadora contra o domínio capitalista que está destruindo nosso planeta. Como servidores e servidoras públicos, temos o dever de nos posicionar contra todas as formas de opressão e exploração, seja no âmbito nacional ou internacional, reafirmando nosso compromisso com a igualdade e justiça.



FENAJUFE

**FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS
DO JUDICIÁRIO FEDERAL E MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO**
Fundada em 08/12/92

12º CONGREJUFE

Fabiano dos Santos - SP

APOIO

Coletivo de Oposição Nacional LUTAFENAJUFE

ENDOSSOS

Tarcisio Ferreira
David Landau
Camila Oliveira
Claudia Vilapiano
Luciana Martins Carneiro
Denise Carneiro



12º CONGREJUFE

8 - Conjuntura Internacional e Nacional

Conjuntura Nacional: Coletivo Lutafenajufe

APRESENTAÇÃO

Apresentamos nossa contribuição ao debate de conjuntura nacional e internacional do 12º Congrejufe, que definirá os rumos de nossa federação e também as políticas que sustentarão a Fenajufe no próximo período. A conjuntura é um dos pontos principais, pois possui um caráter estruturante. Toda a política que será deliberada, desde as mais gerais sobre os servidores públicos até as questões mais específicas de nossos segmentos e tribunais e do Ministério Público da União, diz respeito a um momento histórico específico e a uma conjuntura política, econômica e social que precisamos entender e caracterizar adequadamente. Somente assim atuaremos de forma correta, sem cometer erros que prejudicarão toda nossa categoria. Os presentes textos partem da localização dos servidores públicos no tecido social de um sistema capitalista em crise, que lança uma ofensiva contra nós, trabalhadores e trabalhadoras. Dada a necessidade de focar em aspectos de maior centralidade para os servidores públicos e o mundo do trabalho em geral, objeto principal deste congresso, não pudemos aprofundar temas igualmente relevantes em nossa tese, mas que serão objetos de outras elaborações de nosso coletivo. Deste modo, convidamos as servidoras e servidores do PJU/MPU a ler nossas contribuições e a participar dos debates do 12º Congrejufe.

NACIONAL

Tempos de grande dificuldade exigem muita luta!

1. No momento da realização do 12º Congrejufe, estaremos no terceiro ano de mandato do presidente Lula, eleito em um amplo movimento para derrotar Bolsonaro e as políticas de precarização das condições de vida do povo e dos ataques aos serviços públicos. O Brasil enfrenta problemas que, em sua imensa maioria, advêm do projeto neoliberal, que compõe a base do ascenso concreto da extrema direita e



12º CONGREJUFE

da precarização da vida da classe trabalhadora no mundo todo, incluindo o povo brasileiro — temas que abordamos de forma mais detalhada na contribuição de conjuntura internacional.

2. No entanto, o governo Lula não avançou em nenhuma medida de real enfrentamento à lógica política e econômica que domina o Brasil. É importante destacar que, mesmo sem medidas de ruptura, o governo tem sido alvo constante de pressões do grande capital e tem sucumbido cada vez mais aos ataques, convertendo-se, na prática, em um governo de composição com setores da direita. Seguindo sem questionar as estruturas que oprimem e superexploram a classe trabalhadora, privilegiando o capital em detrimento dos trabalhadores e trabalhadoras. O discurso de priorização do investimento no serviço público e de reversão, mesmo que parcial, das reformas perpetradas no período dos governos Temer e Bolsonaro deu lugar a uma política de manutenção de altos juros, de defesa das restrições fiscais para o investimento público, evitando-se o choque com os interesses do mercado, em especial do financeiro. Uma lógica social exigiria o questionamento da legitimidade das dívidas e um enfrentamento às diretrizes impostas pelo mercado.

3. Esse cenário torna-se ainda mais grave ao observarmos que, mesmo seguindo os ditames do mercado em uma visão estrutural, o governo não fica isento das pressões do mercado financeiro. Um exemplo recente foi a alta do dólar em 2024, quando o mercado exigiu ainda mais concessões do governo, que atendeu às pressões em detrimento da classe trabalhadora, sua histórica base de apoio. Isso não apenas representa retrocessos, mas também o abandono total de elementos básicos de um programa que, ainda que mínimo, foi aprovado nas urnas em 2022, no contexto de não apenas derrotar eleitoralmente Bolsonaro, mas também combater as políticas neoliberais e opressoras.

4. É fundamental ressaltar que esta tese, ao mesmo tempo que destaca o cenário crítico de adesão do atual governo ao capital, reconhece que a derrota eleitoral da extrema-direita no Brasil, da qual fizemos parte, teve papel fundamental em frear o



12º CONGREJUFE

avanço golpista, mesmo que momentaneamente. Hoje, conhecemos vários elementos do plano golpista. E, tendo em vista o segundo governo de Trump, temos um vislumbre do que seria uma reeleição de Bolsonaro em 2022, que certamente avançaria na trama golpista, utilizando suas posições no governo e no Estado para isso. Um exemplo de que o processo foi interrompido é que hoje está em discussão a prisão de Bolsonaro. Mas, conforme já destacamos em nossa discussão sobre a conjuntura internacional, o corpo político mais adequado ao neoliberalismo, sobretudo na fase atual, é a extrema-direita. Deste modo, a classe trabalhadora deve permanecer atenta aos movimentos golpistas que seguem em curso no Brasil e que buscam impor uma mudança de regime.

5. Se o governo não tivesse optado por aderir aos ditames do mercado em nome da chamada "governabilidade" e, ao contrário, tivesse enfrentado o grande capital financeiro em conjunto com os setores populares, questionando a estrutura de poder burguês no país, possivelmente estaria em outro patamar em sua relação com os demais poderes, inclusive nas pesquisas de opinião pública. No entanto, o PT e suas organizações satélites rejeitam os processos de luta e enfrentamento com o mercado e seus agentes no Congresso, ou seja, contra as políticas e seus representantes neoliberais que, afinal, foram rejeitados nas urnas. O governismo considera as iniciativas de enfrentamento, em defesa de direitos e contra retrocessos, como ações que, supostamente, favorecem a extrema direita. Essa postura, além de equivocada, revela uma profunda contradição: ao evitar o confronto com as elites econômicas e priorizar a conciliação de classes, o governo e seus aliados acabam por pavimentar o caminho para o avanço da extrema direita, pois não haverá sucesso deste governo seguindo a agenda neoliberal. A luta por direitos, ao contrário, é a única saída para construir uma alternativa popular e democrática, capaz de enfrentar tanto o neoliberalismo quanto o fascismo.

6. Para combater de fato a extrema direita e o crescimento do fascismo, é fundamental compreender que, em todo o mundo, inclusive no Brasil, esse ascenso ocorre após um longo período de crises econômicas, agravadas pela implementação de políticas de austeridade fiscal. Cortes em investimentos públicos, precarização das



12º CONGREJUFE

relações de trabalho e a mercantilização de praticamente tudo são medidas que beneficiam apenas os representantes do capital, enquanto devastam as condições de vida da classe trabalhadora. Governos que afirmam defender regimes democráticos, mas aplicam políticas neoliberais, acabam por desconstruir a própria concepção de democracia. Isso porque, na prática, a ausência de uma resposta efetiva e de alternativas reais para a classe trabalhadora fortalece a narrativa de que os regimes do espectro democrático não garantem direitos, abrindo as portas para governos autoritários de extrema direita. Esses governos exploram as contradições desses regimes no sistema capitalista, que é intrinsecamente dividido em classes sociais. Portanto, a verdadeira defesa da democracia exige romper com a lógica neoliberal, expor amplamente os interesses das elites e estimular a luta por direitos. É a inação e a submissão ao capital que alimentam o fascismo, e não a mobilização popular em sua luta por suas pautas, por direitos e condições de vida.

7. Não podemos deixar de destacar que a extrema direita golpista no Brasil, embora tenha fracassado em suas tentativas de golpe, ainda segue ativa, representando uma ameaça constante ao tecido social brasileiro. Um dos principais focos desse movimento atualmente é a tentativa de garantir impunidade aos envolvidos nas ações de desestabilização do Estado e a busca desesperada por impedir a prisão de Jair Bolsonaro, a dita “anistia”. A luta contra a tentativa de anistia aos criminosos golpistas é uma resposta necessária e deve estar entre as pautas prioritárias do movimento sindical. Além disso, é fundamental combater as movimentações golpistas que visam impor retrocessos ao atual regime no Brasil. Essas movimentações não cessarão mesmo com uma possível prisão de Bolsonaro, podendo inclusive se agravar. A situação é de tensão, e a disputa política só tende a se fortalecer, especialmente com o ascenso de novas lideranças da extrema direita brasileira. Esse cenário torna-se ainda mais preocupante com o novo governo de Donald Trump nos Estados Unidos e o crescimento da extrema direita, inclusive na América Latina.

A luta é o único caminho



12º CONGREJUFE

8. A luta contra a escala 6x1, que ganhou força no Brasil em 2024, é um exemplo claro do desejo da classe trabalhadora em barrar as políticas neoliberais. A campanha, que começou com trabalhadores denunciando a chamada escala 6x1 — em que se trabalha seis dias por semana para apenas um dia de folga —, rapidamente se transformou em um movimento nacional. Essa modalidade de trabalho, absurdamente permitida pela legislação brasileira, priva os trabalhadores e trabalhadoras de tempo para viverem suas vidas e se desenvolverem. A mobilização contra essa prática não apenas expôs a precarização das relações de trabalho, mas também mostrou que a luta unificada por direitos é essencial para combater as políticas que beneficiam o capital e superexploram a classe trabalhadora.

9. No entanto, desde o primeiro ano de seu mandato, o governo Lula tem mantido a lógica do teto para gastos públicos, herdada da EC 95/2016 do governo Temer. Apesar da demanda dos movimentos organizados pela revogação do Arcabouço Fiscal, a equipe econômica liderada por Haddad aprovou um novo “pacote”, que segue priorizando o rentismo e o sistema de dívida pública em detrimento dos investimentos em direitos sociais. Como resultado, os serviços públicos são precarizados, com muitas categorias enfrentando salários congelados e reposições parciais que não representam o fim das perdas reais. Além disso, a data-base dos servidores e servidoras não tem sido respeitada, agravando ainda mais a desvalorização do funcionalismo e o desmonte dos serviços públicos.

10. Vivemos um dos momentos mais críticos para a classe trabalhadora, incluindo o serviço público e o funcionalismo das últimas décadas. No âmbito do Poder Judiciário da União (PJU) e do Ministério Público da União (MPU), os efeitos das políticas neoliberais vêm se ampliando, e adentrando os Tribunais, aprofundando a terceirização e a lógica privatizante. Enquanto isso, projetos de Reforma Administrativa — marcadamente “antisservidor” — reforçam a precarização. Essa realidade torna-se ainda mais alarmante diante do uso generalizado de tecnologias que, utilizadas no interesse do capital, podem ser instrumentalizadas para aumentar a exploração e a precarização, como vem ocorrendo com o fenômeno da plataformação na iniciativa privada.



12º CONGREJUFE

11. Neste contexto, a recente decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que na prática põe fim Regime Jurídico Único (RJU), abre portas para o desmonte do serviço público. A lógica da PEC 32, derrotada em 2021 graças à resistência da organização sindical do funcionalismo, certamente voltará, fortalecida pelo aprofundamento da crise capitalista e agora respaldada pela Suprema Corte. Essa decisão representa um retrocesso histórico, pois normaliza o nepotismo, volta a permitir contratação direta, facilita o ingresso sem concurso, fragiliza a estabilidade e reduz direitos dos servidores, com a magistratura atuando em clara sintonia com a agenda neoliberal que domina o país.

12. Nossos princípios fundamentais, enquanto coletivo de trabalhadoras e trabalhadores do Judiciário Federal e do MPU (Ministério Público da União), são a independência em relação a partidos, patrões, administrações e governos. Entendemos que nossa luta, classista e independente tem como centro a defesa inalienável dos direitos da classe trabalhadora e contra todas formas de opressão, com a certeza de que a luta e a mobilização são os caminhos para as nossas vitórias e a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. Portanto é fundamental a clareza de que o atual governo chegou ao poder graças a uma ampla mobilização popular, em uma frente ampla que incluiu setores da burguesia e da direita brasileira, a exemplo do vice-presidente, que materializa isso de forma inequívoca.

13. Conforme temos apresentado, a opção do governo segue o neoliberalismo, priorizando os interesses do mercado financeiro e das elites econômicas, enquanto vai na contramão da valorização dos servidores públicos e da defesa dos direitos da classe trabalhadora. Diante desse cenário, somente a nossa luta nas ruas e em todos os espaços por direitos pode mudar a agenda política do país, como demonstrou o movimento contra a escala 6x1. A mobilização organizada e a pressão popular são ferramentas essenciais para enfrentar os retrocessos e garantir avanços concretos para a classe trabalhadora.

O capital explora e adoece a classe trabalhadora



12º CONGREJUFE

14. Neste contexto de aumento da precarização, é fundamental destacar o crescimento alarmante e generalizado do adoecimento mental e físico de trabalhadoras e trabalhadores. Com salários insuficientes para manter o poder aquisitivo, redução do quadro de servidores, submetidos a trabalhar em ambientes tóxicos com metas opressivas e descoladas da realidade concreta dos processos de trabalho, incentivo a ranqueamentos internos e competição, pressões de toda natureza, além do assédio moral, observamos que o adoecimento mental tem se tornado uma epidemia, muitas vezes silenciosa.

15. Esse fenômeno ocorre tanto no trabalho presencial quanto no teletrabalho, que, embora muitas vezes apresentado como uma solução moderna, tem vindo muitas vezes acompanhado de métodos invasivos de controle e intimidação, além de exigir, em muitos casos, produtividade extra. Longe de ser um problema individual, o adoecimento mental é resultado direto da extrema exploração a que a classe trabalhadora é submetida, levada ao limite em nome dos interesses de empresas, corporações e instituições. No caso de pessoas com deficiência, mulheres pobres, negras e periféricas, idosos, população LGBTQ+, a exploração e a opressão são ainda mais agravadas, evidenciando como o sistema capitalista se sustenta sobre múltiplas formas de desigualdade e exclusão.

16. Quando trabalhadoras e trabalhadores não conseguem atender aos níveis absurdos de exploração, são descartados, humilhados e substituídos na iniciativa privada ou perseguidos e assediados para que “quebrem” e se afastem no serviço público, muitas vezes sendo demitidos. Essa dinâmica revela que os transtornos mentais são, em grande medida, produzidos pelo sistema capitalista para atender a seus interesses. Essa lógica tem seu sustentáculo em ideologias que se disfarçam de ciências administrativas, colocando servidores uns contra outros, além de ser apoiada por um “consórcio” com a indústria farmacêutica, que não apenas mistifica as causas dos adoecimentos, mas também lucra com a excessiva medicalização, apresentando este processo de opressão e adoecimento como algo natural e pessoal e não historicamente construído e que precisa ser socialmente compreendido. Assim, a saúde mental é transformada em mais uma mercadoria.



12º CONGREJUFE

17. Essa realidade não apenas expõe a crueldade do sistema, mas também reforça a urgência de uma luta coletiva que deve ser essencialmente anticapitalista e na defesa por melhores condições de trabalho, pelo antipacitismo, pela igualdade de gênero, pelo combate ao racismo, por salários dignos e políticas públicas que priorizem a saúde mental dos trabalhadores e trabalhadoras. Enquanto o capitalismo transforma o sofrimento em lucro, a classe trabalhadora precisa se organizar coletivamente para enfrentar essa exploração e construir alternativas que garantam dignidade e qualidade de vida sob o entendimento que toda a classe está vulnerável à exploração e adoecimento.

A urgente democratização do Judiciário no Brasil

18. No Brasil, embora o poder Judiciário, encabeçado pelo STF, com destaque midiático para o ministro Alexandre de Moraes nos noticiários e como alvo de ataques da extrema direita, tenha operado também como anteparo institucional ao golpismo, o Judiciário enfrenta um profundo processo de desmoralização.. Esse descrédito se deve, em grande parte, aos privilégios da magistratura. Juízes acumulam supersalários e uma infinidade de penduricalhos que elevam seus rendimentos a níveis ainda mais escandalosos do que o imoral “auxílio-moradia” de outrora.

19. Além dos privilégios, outro aspecto grave é o fato de o Poder Judiciário, sob a liderança do Supremo Tribunal Federal (STF), estar aplicando uma agenda de devastação dos direitos da classe trabalhadora, deixando claro o alinhamento da corte com os interesses e a agenda do grande capital. Exemplos disso incluem o desmonte da legislação trabalhista, a terceirização da atividade fim, a validação de práticas como a uberização e a pejetização, além de diversas formas de contratação que enfraquecem a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

20. Recentemente, esse cenário foi agravado por decisões como o fim do Regime Jurídico Único (RJU), que impactam diretamente a estabilidade e os direitos dos servidores públicos, que era um dos eixos centrais da PEC 32, derrotada pela classe trabalhadora em 2021. O STF, portanto, não apenas legitima as reformas neoliberais,



12º CONGREJUFE

como as acelera e o fim do RJU comprova este papel político da corte contra a classe trabalhadora. A magistratura, portanto, não esconde sua posição de classe, utilizando sua posição privilegiada no Estado para direcionar arbitrariamente o orçamento do Poder Judiciário, impondo perdas de direitos e precarização aos servidores e servidoras.

21. Criada em 1992, a Fenajufe sempre teve entre suas principais bandeiras a democratização do Poder Judiciário e MPU. Retomar esse debate e mobilização é essencial não apenas para servidores e servidoras do PJU e MPU, mas para toda a classe trabalhadora e conjunto da sociedade, pois a ausência de transparência e participação popular compromete a justiça e aprofunda a desigualdade no país. Democratizar o Judiciário significa rever os critérios de escolha de seus dirigentes, ampliar o controle social sobre tribunais e ministérios públicos e garantir que a atuação dessa esfera do poder esteja voltada ao interesse público, e não apenas à preservação dos privilégios da magistratura.

22. Sem reformas profundas, a cúpula do Judiciário seguirá como uma casta intocável, blindada contra qualquer fiscalização externa e operando em favor dos interesses do grande capital e da burguesia brasileira, em total contraste com as necessidades da classe trabalhadora. Romper com essa estrutura exige medidas como o fim dos supersalários e penduricalhos, maior transparência na gestão orçamentária e participação efetiva da sociedade e dos servidores nos processos decisórios. A luta unificada por um Judiciário mais democrático não é uma questão meramente corporativa, mas um passo fundamental para fortalecer a democracia e garantir que a justiça sirva, de fato, ao povo brasileiro.

Nossas lutas em defesa de reestruturação de carreira e reposição salarial

23. É nesta conjuntura complexa e desafiadora, marcada por aspectos internacionais, nacionais e pela realidade do Poder Judiciário/MPU, que se desenvolvem as nossas lutas. Um debate bem conduzido sobre a conjuntura nos prepara para enfrentar a realidade em seus níveis mais profundos. Por isso, é



12º CONGREJUFE

essencial que aprendamos com todo este cenário e façamos um balanço da nossa luta em 2024. Esse ano foi marcado pelo divisionismo promovido por setores do movimento sindical, especialmente o Sindjus/DF, e pela desmobilização de setores ligados à direção majoritária da Fenajufe (grupo vinculado à CUT, ao qual somos oposição). Esse grupo, na prática, não respeitou as deliberações da base e tentou constantemente rebaixar as propostas construídas nas plenárias pela categoria, o que enfraqueceu as condições para uma mobilização efetiva e unitária.

24. A postura desses setores, que reduziram a participação da categoria ao papel de espectadores das reuniões no fórum de carreira, fragmentou o movimento e dificultou a construção de uma mobilização de base nacional, essencial para fortalecer a luta e alcançar os objetivos estabelecidos. Essa situação evidencia mais uma vez os graves problemas na condução do movimento sindical. A direção majoritária da Fenajufe adotou uma postura antidemocrática, pró-governo e distante das reais necessidades da categoria. A fragmentação promovida por entidades como o Sindjus/DF e o Sindojus/DF contribui diretamente para o enfraquecimento da luta coletiva, em vez de fortalecer a unidade necessária para enfrentar os ataques ao serviço público e defender os direitos dos trabalhadores. Isso ocorre em uma conjuntura que mostra que tratar as demandas dos trabalhadores com capitulação e conciliação de classe só favorece os interesses dos patrões.

25. A conjuntura exige um sindicalismo independente de partidos, administrações e governos. O poder político dos servidores reside na unidade e na luta, que devem ser expressas por meio de atos e greves. O trabalho do funcionalismo é essencial para o funcionamento do Estado, e a greve é o meio pelo qual demonstramos nosso poder político. Por meio dela, buscamos abrir negociações com a força da categoria, sem se limitar a eventuais concessões de migalhas feitas pela magistratura.

26. Assim, finalizamos nossa contribuição a este importante debate de conjuntura. Nossas lutas salariais e em defesa de melhorias para nossas carreiras são indissociáveis da luta em defesa do serviço público. Precisamos construir um forte movimento sindical no Judiciário Federal e no MPU, fortalecendo a unidade com



FENAJUFE

**FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS
DO JUDICIÁRIO FEDERAL E MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO**
Fundada em 08/12/92

12º CONGREJUFE

outras categorias do serviço público e com o conjunto da classe trabalhadora. Somente assim estaremos à altura de enfrentar os ataques contra nossos direitos e buscar avançar em uma agenda positiva para a classe trabalhadora.

Fabiano dos Santos - SP

APOIO

Coletivo de Oposição Nacional LUTAFENAJUFE

ENDOSSOS

Tarcisio Ferreira
Claudia Vilapiano
Luciana Martins Carneiro
David Landau
Camila Oliveira